

Viver em Plenitude

Richard Simonetti

- *Aborto*
- *Adolescência*
- *Anjos*
- *Bençãos*
- *Céu*
- *Educação*
- *Idiotia*
- *Inferno*
- *Letargia*
- *Magia*
- *Maldições*
- *Missões*
- *Morte*
- *Obsessão*
- *Passe*
- *Predestinação*
- *Reencarnação*
- *Sono*
- *Sonhos*
- *Sortilégios*

Temas da atualidade abordados pelo autor, a partir de questões selecionadas na Segunda Parte de "O Livro dos Espíritos".

Nestas páginas, o roteiro precioso para uma existência plena de valores espirituais e felizes realizações.

Richard Simonetti

Viver em
Plenitude



Viver em Plenitude Richard Simonetti

YIVER EM
PLENITUDE

Richard Simonetti

VIVER EM PLENITUDE

Capa: Milton Puga/Edmilson Chaves

3ª edição - Janeiro/96

3.000 exemplares

25.001 a 28.000

Copyright 1994 by

Centro Espírita Amor e Caridade

Rua 7 de Setembro, 8-30 - Fone (0142) 23-0988

CEP 17015-031 - Bauru - SP

Edição e Distribuição:

Gráfica São João Ltda.

Rua Virgílio Malta, 12-51 - Fone (0142) 23-5333

Fax (0142) 23-5176 - Cx. P. 436 - Telex 142002 GRSJ-BR

CEP 17015-220 - Bauru - SP

PLANTING

VIVER EM PLENITUDE

Planting your garden for a lifetime

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

PLANTING YOUR GARDEN FOR A LIFETIME

Interrogamos, aos milhares, Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade, ocuparam todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da vida espírita, a partir do momento em que abandonaram o corpo: acompanhamo-los passo a passo na vida além-túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas idéias, nos seus sentimentos e, sob esse aspecto, não foram os que aqui se contaram entre os homens mais vulgares os que nos proporcionaram menos preciosos elementos de estudo. Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas conseqüências experimentavam; que a outra vida é fonte de inefável ventura para os que seguiram o bom caminho. Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram; que, portanto, só a si mesmos se devem queixar, quer no outro mundo, quer neste.

Allan Kardec, em "O Livro dos Espíritos"

SUMÁRIO

A Casa da Felicidade	11
Se a Alma Não é Pequena	13
Com Almofada Fica Melhor	19
Assassinato Intra-uterino	27
Uma Singular Entrevista	35
Um Curso Básico de Vida	41
Gente Acordando	49
Mergulho na Eternidade	55
Chame o Coveiro!	63
A Influência dos Espíritos	69
Profilaxia da Obsessão	75
A Ajuda do Céu	83
A Melhor Ajuda	91
Males Encomendados	97
Recursos Mágicos	103
O Dom de Curar	109
Bênçãos e Maldições	117
O Que Camões Pediria	125
Uma Única Pergunta	131

A CASA DA FELICIDADE

Diz Voltaire:

“Os homens que procuram a felicidade são como bêbados que não conseguem encontrar a própria casa, mas sabem que têm uma.”

O móvel supremo das ações humanas, ainda que nem sempre se tenha consciência disso, é a felicidade.

O problema é que as pessoas sabem que está em algum lugar, mas perdem o caminho dela, porque embriagam-se de ilusões.

Julgam encontrá-la em edificações relacionadas com fortuna, conforto, prazer, vício, poder, mas tão logo atravessam seus umbrais constatam que eram apenas mentiras de felicidade, como cenários preparados pela indústria cinematográfica, pródigos em ostentar fachadas portentosas de prédios inexistentes.

Desajustes, perturbações, desequilíbrios, enfermidades, tensões, inquietude, são, não raro, meras “ressacas” que experimentamos freqüentemente, após essas experiências desastrosas, que nos põem trôpegas as pernas e confuso o cérebro, a caminho de novos enganos.

Para encontrar a felicidade é fundamental abandonar as fontes de ilusão, buscando a plenitude de nossas potencialidades espirituais.

"O Livro dos Espíritos", a obra máxima da Doutrina Espírita, muito nos ajudará nesse mister, se nos dispusermos ao exame atento de suas páginas luminosas.

Algo de minhas lucubrações em torno dessa magistral obra de Allan Kardec tenho oferecido ao leitor benevolente, em livros já publicados, na seguinte seqüência:

"A Constituição Divina", que aborda as Leis Morais, na terceira parte;

"Um Jeito de Ser Feliz", relativo às Esperanças e Consolações", na quarta parte;

"Quem Tem Medo dos Espíritos?", que trata do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos", na segunda parte.

É uma seqüência deste último que coloco agora em suas mãos, amigo leitor, com enfoque de temas que favorecem uma compreensão melhor dos mecanismos que regem nosso contato com o Mundo Espiritual, ajudando-nos a viver em plenitude para que encontremos nossa casa de felicidade.

Bauru, abril de 1994.

SE A ALMA NÃO É PEQUENA

Pode o Espírito apressar ou retardar o momento da sua reencarnação?

Pode apressá-lo, atraindo-o por um desejo ardente. Pode igualmente distanciá-lo, recuando diante da prova, pois entre os Espíritos também há covardes e indiferentes. Nenhum, porém, assim procede impunemente, visto que sofre por isso, como aquele que recusa o remédio capaz de curá-lo.

Questão nº 332

Nem sempre as pessoas fazem o que querem; nem sempre querem o que fazem.

A criança gostaria de ficar brincando. Os pais impõem-lhe a escola, em seu próprio benefício.

O doente não tem nenhuma disposição para internar-se no hospital. Inadiável, porém, a cirurgia para debelar o mal que se agrava.

O operário preferiria o clube. Impossível. A família depende de sua atividade profissional.

O condenado não sente vocação para

permanecer segregado na prisão. Não obstante, há uma penalidade a ser cumprida.

Algo semelhante ocorre na experiência reencarnatória, *indispensável* recurso evolutivo no estágio em que nos encontramos.

* * *

Retornaremos à carne vezes sem conta, até que nos tornemos aspirantes à angelitude.

Espíritos imaturos estimariam permanecer “numa boa”, evitando as limitações da matéria, as complicações do esquecimento, os problemas de reconciliação com desafetos, o suor do rosto, as dores do mundo, as angústias existenciais...

Mesmo os mais esclarecidos encaram com relutância o retorno, embora conscientes de que, como diria Camões, reencarnar é preciso.

Não raro o Espírito sente-se tão inseguro ou tão contrariado, reluta tanto que chega a rejeitar a experiência que se inicia. Dispara ele próprio problemas fetais que podem resultar no aborto.

Esta fuga acontece particularmente no início da gestação, quando tênues são os laços que o prendem ao corpo.

A gestante nem chegará a perceber, julgando-se às voltas com mero atraso no ciclo menstrual.

Há casos em que se consuma a reencarnação, mas o Espírito recusa-se à nova existência, originando um

comportamento autista, como se buscasse esconder-se dentro de si mesmo.

Fácil concluir que reencarnar não é simples ligar de uma tomada. Há vários fatores que precisam ser harmonizados. Imperioso, sobretudo, trabalhar os pais para que se disponham ao encargo, evitando grave problema: a rejeição.

* * *

A jovem senhora vai buscar o resultado do teste de gravidez.

No papel que lhe é entregue destaca-se o desenho de uma cegonha carregando sorridente bebê, simpática maneira escolhida pelo laboratório para transmitir-lhe a notícia de que o resultado é positivo. Será novamente mãe.

- Meu Deus! Outro filho! Vai complicar!

A reação do marido é pior:

- Culpa sua! Bem avisei que não deveria interromper o uso das pílulas!

- E continuar engordando como suíno confinado!... Por que não fez você a vasectomia, como recomendou o médico?!

Acirra-se a discussão. O ambiente esquenta. Agridem-se verbalmente os cônjuges, trocando acusações e asperezas...

Pobre reencarnante!... Como se sentirá?

Um enjeitado, sem dúvida. Será difícil evitar a

sedimentação da idéia de que o consideram um intruso, alguém que veio para atrapalhar, sem pedir licença.

* * *

E quanto a nós, qual teria sido a nossa motivação para o retorno à carne?

Não é difícil definir. Basta analisar como encaramos a existência.

Gastamos tempo a reclamar do cotidiano?

Damos guarida a mágoas e irritações?

Resvalamos para estados depressivos e angustiastes?

Desentendemo-nos freqüentemente com pessoas de nossa convivência?

Sucedem-se, ininterruptos, desajustes físicos e psíquicos que nos incomodam?

Se a resposta é afirmativa, estamos numa "compulsória". Reencarnamos meio "na marra", como diz o povo.

Mas podemos mudar isso, considerando que é irrelevante como viemos. Importante é saber o que nos compete fazer na experiência humana.

Neste particular o Espiritismo tem muito a nos oferecer, ensinando-nos, sobretudo, que nossa vida será exatamente o que dela fizermos.

Por opção diária, não seja a Terra para nós uma jaula, uma prisão, um hospital, um reformatório...

Vejamo-la sempre como abençoada escola/

oficina, onde nos compete valorizar todas as experiências em favor de nossa edificação.

Ensina Fernando Pessoa, o poeta filósofo:

“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”.

Dores e lutas, trabalhos e esforços a que somos chamados na Terra, desde o simples varrer de uma casa às funções mais complexas, *tudo vale a pena*, se desenvolvermos em nossa alma a grandeza necessária para enxergar a oportunidade de fazer sempre o melhor.

* * *

Diz André Luiz, em psicografia de Francisco Cândido Xavier:

“Comece o dia à luz da oração. O amor de Deus nunca falha”.

Temos aqui a melhor maneira de iniciar as labutas diárias.

Em Deus está nossa força, nosso estímulo, nossa grandeza d’alma, para que valorizemos a hora que passa, fazendo o melhor.

Fundamental, neste particular, que não busquemos simplesmente os favores do Céu.

Não a oração de quem pede.

Mas a oração de quem oferece serviço.

Quem pede encontra, eventualmente, o Senhor.

Somente o que serve situa-se ao lado d’Ele.

Por isso, Francisco de Assis, que entendia de

oração, dizia:

Senhor,
faze de mim um instrumento de tua paz!
onde houver ódio, que eu leve o amor,
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
onde houver discórdia, que eu leve a união;
onde houver dúvidas, que eu leve a fé;
onde houver erros, que eu leve a verdade;
onde houver desespero, que eu leve a
esperança;
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
onde houver trevas, que eu leve a luz!

Mestre,
faze com que eu procure menos
ser consolado que consolar,
ser compreendido que compreender,
ser amado do que amar...

Pois
é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
é morrendo que se vive para a vida eterna!

COM ALMOFADA FICA MELHOR

Há predestinação na união da alma com tal ou tal corpo, ou só à última hora é feita a escolha do corpo que ela tomará?

O Espírito é sempre, de antemão, designado. Tendo escolhido a prova a que queira submeter-se, pede para encarnar. Ora, Deus, que tudo sabe e vê, já antecipadamente sabia e vira que tal Espírito se uniria a tal corpo.

Questão nº 334

O retorno à carne não é simples aventura.

Mesmo na reencarnação natural, em que o Espírito, ligado ao psiquismo dos futuros pais, não raro em face de problemas obsessivos, é sugado pelo campo de força que se forma na relação sexual, há mentores que, situados como instrumentos da Divindade, controlam o retorno, atendendo às necessidades do reencarnante.

Um dos cuidados fundamentais diz respeito à família.

Ela é constituída, normalmente, de Espíritos que

tiveram alguma ligação no passado, boa ou má, de afetividade ou desentendimento. Além de objetivos outros, determinando a formação do agrupamento doméstico, há dois básicos:

Consolidação de afeições.

Desintegração de aversões.

Filhos rebeldes e agressivos, revoltados contra os genitores, talvez porque deles foram inimigos ou, mais acertadamente, porque são deseducados, proclamam nos momentos de desentendimento:

- Não pedi para nascer! Vocês me puseram no mundo! Conformem-se, portanto, com minha maneira de ser!

Infelizes e injustas afirmativas!

Espíritos conscientes de suas limitações procuram por pessoas dispostas a acolhê-los, com a avidez de quem se agarra a uma tábua de salvação. Mais que pedir, imploram-lhes o ensejo abençoado do recomeço.

Se nossa família não nos parece a ideal. Se pais, filhos, cônjuge, irmãos, não se enquadram em nossas fantasias afetivas, estejamos certos de que atendem às nossas necessidades evolutivas. Não estaríamos juntos sem justas razões.

Particularmente em relação aos pais, podemos apontar inúmeros defeitos neles que nos desagradam, mas uma só virtude é suficiente para nos calar:

Eles abriram as portas da reencarnação para nós.

* * *

A posição social é outro fator de planejamento reencarnatório.

Podemos dividir a sociedade em cinco classes:
Rica, média alta, média, pobre e miserável.

Qual a melhor para se viver? Qualquer pesquisa apontaria uma quase unanimidade: a primeira.

"Antes rico com saúde do que pobre e tuberculoso".

"Se devemos sofrer na Terra, que seja num palácio, jamais numa choupana".

"O dinheiro não leva à felicidade. Manda buscá-la".

Afirmativas dessa natureza revelam um equívoco na apreciação das contingências humanas.

A riqueza é uma das experiências mais difíceis, porquanto facilita o cultivo dos vícios, estimula as ambições, desperta a volúpia pelo poder.

Recusando-se a considerar sua posição de mordomo divino, a administrar bens que pertencem a Deus, dificilmente o homem rico se disporá a utilizá-los em favor do progresso e do bem-estar de seus subordinados. Estes serão, na ótica empresarial, nomes descartáveis, ao sabor de suas conveniências.

- Demitam os funcionários de "a" a "g" - determina o capitão de indústria a discutir com seus executivos medidas de contenção de despesas numa de suas empresas.

Nenhuma preocupação com o tempo de serviço, eficiência, encargos familiares, quantidade de filhos... Apenas a praticidade de uma providência sumária.

Pobre Antônio, carregado de filhos e compromissos! Se sua mãe, devota do santo de Pádua, houvesse homenageado São Paulo, seu emprego estaria garantido...

- Melhor a pobreza. A ausência de facilidades freia as tendências inferiores do pobre, impondo-lhe severas disciplinas. É também estimulado à fraternidade, na medida em que sofre na própria pele males que afligem o semelhante. Campanhas de arrecadação de mantimentos em favor de obras assistenciais sempre obtêm melhores resultados em bairros humildes.

Semelhantes ponderações são acertadas, mas é preciso lembrar que a pobreza também apresenta inconvenientes, retirando do indivíduo, não raro, a iniciativa. Além disso as dificuldades materiais podem ser más conselheiras, induzindo espíritos imaturos à tentativa de resolver seus problemas apelando para a criminalidade. Esta, por isso, costuma crescer proporcionalmente à recessão econômica.

O ideal será considerar sempre que em qualquer posição social temos oportuno estágio oferecido pela bondade divina. Nele, facilidades e dificuldades aparecem como desafios em que somos chamados a mobilizar nossas potencialidades criadoras para um pleno aproveitamento das oportunidades de edificação da

jornada humana.

* * *

A profissão é outro item de relevância no projeto reencarnatório. Sempre que possível há o cuidado de ajustar o corpo ao tipo de atividade que o Espírito irá desenvolver.

As leis de genética são invioláveis. A cor dos olhos, da pele, a estrutura óssea, a compleição física e outros detalhes obedecem a um somatório dos caracteres transmissíveis pelos pais.

Mas, em determinados detalhes há a interferência dos técnicos espirituais, favorecendo a implementação do planejamento feito.

Se o indivíduo se preparou para ser cantor lírico terá toda uma adequação das cordas vocais, laringe, pulmões, caixa torácica... Se vinculado a atividade intelectual terá ativados os centros cerebrais que lhe favoreçam o raciocínio.

Certa feita, numa excursão da seleção brasileira de futebol à Europa, o jogador Edson Arantes do Nascimento, o nosso Pelé, esteve em famosa clínica médica. A título de estudo, foi examinado por fisiologistas e fisioterapeutas. Concluíram, admirados, que sua estrutura física era perfeita para o esporte, particularmente para o futebol.

Por tudo o que fez como jogador, pela sua genialidade, eleito pela crítica internacional como o atleta

do século, e pelo povo como o rei do futebol, podemos dizer que se trata de um Espírito com uma tarefa no esporte, envolvendo particularmente a delicada questão dos preconceitos raciais. Ele tem demonstrado que o valor de um indivíduo não está na cor de sua pele, mas no que ele consegue realizar como ser humano.

* * *

Por outro lado, determinadas deficiências físicas são programadas pelo próprio reencarnante. Quanto mais consciente estiver de suas fraquezas e necessidades, maior o seu cuidado em incrustar no novo corpo limitações que inibam suas tendências inferiores e o ajudem a transcender o imediatismo humano.

Uma úlcera gástrica, uma insuficiência cardíaca, um problema motor, uma limitação orgânica são, não raro, os mais eficientes argumentos, o convite mais convincente para que o indivíduo procure os valores espirituais.

Sufrimentos e dores do Mundo despertam nas criaturas humanas o anseio de Deus.

* * *

A Doutrina Espírita deixa bem claro que a posição social, a família, a atividade profissional, a estrutura física em que nos situamos na Terra representam oportunidades de evolução e o nosso teste, não nos sendo lícito, portanto, clamar aos céus quando não

correspondam às nossas expectativas.

Há, a propósito, a história daquele homem que não se conformava com sua cruz :

- É muito pesada, meu Deus! Não estou suportando o peso das dificuldades e problemas que venho enfrentando!...

E tanto reclamou que certo dia invisível mão retirou-lhe a cruz e foi levado a um lugar onde havia milhares delas empilhadas.

Desconhecida voz recomendou-lhe que lhe fora dado escolher outra, que melhor se ajustasse às suas forças e à sua disposição.

Animado, examinou atentamente as cruzes. Finalmente, depois de demorada avaliação, pegou aquela que lhe pareceu a ideal.

Quando a colocou sobre os ombros verificou, espantado, que era a sua cruz, aquela de cujo peso reclamara tanto.

* * *

A vida nos situa exatamente onde devemos estar, em favor de nosso aprendizado, competindo-nos fazer o melhor, em favor de nossa própria felicidade.

Uma única providência nos é lícita e recomendável:

Colocar uma almofada entre a cruz e os ombros.
Ela é feita das virtudes cristãs.

Quando nos dispomos a servir, amar, perdoar,

compreender, amparar, confraternizar, tão leve fica nossa cruz que até nos esquecemos de que estamos a carregá-la.

ASSASSINATO INTRA-UTERINO

Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?

Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.

Questão nº 358

A jovem de dezesseis anos dá entrada na sala de emergência do hospital. Sofre intensa hemorragia. O abdome timpânico sugere perfuração uterina. A cirurgia impõe-se de imediato ou ela se esvairá em sangue.

O familiar que a acompanha informa, reticencioso, que a paciente se submetera a aborto induzido. Estava no quarto mês de gestação. Recorrera a uma parteira.

Aberto o ventre, o útero revela sinais de violência produzidos por instrumento cortante usado sem habilidade.

Os médicos trabalham febrilmente. Buscam limpar a cavidade abdominal tomada de pus e sangue. Mas o quadro clínico agrava-se. Sobrevém o choque operatório, com parada cardíaca. De nada valem os ingentes esforços da equipe. A adolescente está morta.

* * *

Segundo estimativas da Organização Mundial de Saúde, perto de três milhões de abortos são praticados anualmente no Brasil, clandestinamente, já que são proibidos por lei.

Envolvem geralmente o concurso de pessoas inabilitadas, que usam métodos rudimentares, sem assepsia, sem instrumental cirúrgico, sem qualificação. Daí a ocorrência de problemas como aquele que matou a jovem.

Este é um dos grandes argumentos dos que defendem a legalização do aborto, tirando-o da clandestinidade para que seja realizado com assistência médica adequada.

Em países como a China, interessados em conter o crescimento populacional, o aborto não só é facultado por lei como existem clínicas governamentais especializadas que atendem gratuitamente a população.

Considera-se, ainda, que o aborto favorece o planejamento familiar, sem necessidade de maiores cuidados com o uso de preservativos, que retiram algo do prazer sexual ou das pílulas anticoncepcionais, que

produzem perigosos efeitos colaterais.

Por outro lado, feministas de carteirinha proclamam enfaticamente que a mulher é dona de seu corpo e tem o direito de eliminar uma vida que ali brotou à sua revelia, como erva daninha em canteiro doméstico.

* * *

A tais argumentos contrapõe-se a idéia de que a concepção é um evento divino. Ocorre pela vontade de Deus, não sendo lícita, portanto, a interferência humana.

A interrupção induzida da gravidez constituiria grave pecado - uma ofensa ao Criador - passível de severa punição.

Não obstante respeitável, essa ameaça não sensibiliza o crescente número de religiosos em dúvida quanto à validade de suas concepções escatológicas. Elas faziam tremer o ingênuo freqüentador de igrejas, na Idade Média, mas se afiguram fantasiosas demais para a mentalidade moderna. Envelheceram na medida em que a Humanidade avançou nos domínios do conhecimento.

Por isso, as trombetas do Juízo Final, que anunciam sanções terríveis para os infratores, soam distantes, inaudíveis para a mulher que deseja livrar-se de um barulho para ela bem mais forte - uma vida não desejada que se agita e cresce dentro dela.

Às desgastadas ameaças teológicas sobrepõe-se a idéia prática de que a eliminação do feto resolve seu problema.

É como uma pessoa que manda arrancar um dente para livrar-se da dor que a incomoda, porque o dentista não conseguiu convencê-la quanto aos inconvenientes da extração.

* * *

Competiria ao Espiritismo oferecer uma contribuição definitiva contra o aborto, começando por estabelecer uma ponte entre o plano físico e o espiritual para uma visão mais objetiva do problema. *Mostrar* as conseqüências do aborto criminoso é algo bem mais convincente do que especular a respeito.

Tomamos consciência, no intercâmbio com o Além, de que a partir do momento em que o óvulo é fecundado pelo espermatozóide, surgindo o embrião, inicia-se uma reencarnação. Um Espírito é ligado ao organismo em desenvolvimento, com a supervisão de técnicos da Espiritualidade.

Isso tira da concepção a característica de suposto acidente biológico, situando-a como experiência programada, obedecidos desígnios que escapam à percepção humana.

E mais - o embrião não é simples promessa de vida, mas uma vida em desenvolvimento, asilando um viajor da eternidade prestes a iniciar a jornada humana.

Então, quando a mulher, na ânsia de livrar-se do que considera um problema, interrompe artificialmente a gravidez, não apenas comete um assassinato intra-

uterino, mas, sobretudo, fecha a porta da reencarnação para alguém que estava chegando.

* * *

O pior virá depois.

Se o reencarnante é um desafeto da mulher que o rejeitou, com a qual deveria ajustar-se na convivência familiar, poderá voltar-se contra a responsável por sua desdita, criando-lhe sérios embaraços psíquicos.

Ainda que o filho assassinado seja de índole pacífica, disposto a afastar-se sem rancor, ela se situará em estado latente de desajuste, que se refletirá em seu psiquismo na forma de angústias e depressões, favorecendo o assédio de Espíritos obsessores que exploram as fraquezas humanas.

Além disso, o aborto criminoso gerará desajustes perispirituais na mulher. Estes, mais cedo ou mais tarde, na existência atual ou futura, darão origem a enfermidades e limitações que se fixarão nos órgãos correspondentes à natureza de seu crime.

Esterilidade, tumores, infecções renitentes e disfunções genésicas resultam, não raro, do aborto praticado na presente existência ou em existência anterior.

Andaria melhor a mulher que assim procede se considerasse que é a dona de seu corpo, mas não é senhora da Vida. E contrapondo-se ao seu direito de dispor do próprio ventre, há o incontestável direito de

viver daquele que se asila transitoriamente nele.

Nesta mesma linha de raciocínio deveria perguntar-se: Como se sentiria se sua mãe a tivesse expulsado, profanando a madre santificada pela maternidade? E se seria justo fazer contra alguém o que não desejaria que fizessem com ela?

Melhor ainda faria se considerasse que o filho que está a caminho, sejam quais forem as circunstâncias em que venha ao mundo, ainda que represente para ela sacrifícios e lutas, é alguém enviado por Deus para oferecer-lhe a mais elevada de todas as funções, a mais nobre de todas as missões - colaboradora do Criador na obra da criação.

* * *

A posição espírita não é de anátema.

Doutrina da consciência livre, o Espiritismo apenas esclarece, sugerindo que a mulher considere sua condição de doadora da Vida. Que se furte às comprometedoras tendências da atualidade, em que as pessoas preferem ignorar a presença de Deus quando se dispõem a solucionar seus problemas com iniciativas que Ele não aprovaria.

E mais: demonstra a Doutrina Espírita que a mulher comprometida no crime do aborto pode superar os constrangimentos e dores decorrentes dedicando-se à infância desvalida.

A mãe que não quis seu filho poderá redimir-se

ajudando filhos que perderam suas mães, em obras assistenciais que florescem à sombra generosa dos ideais religiosos. Há muito serviço em creches, berçários, hospitais, casas de sopa, lares da infância, que esperam por corações generosos e mãos dispostas a servir.

Se a dor é a moeda com a qual a justiça divina cobra nossos débitos, o Bem é inestimável valor alternativo, com o qual a divina misericórdia nos permite abreviar nossos padecimentos exercitando tarefas redentoras.

UMA SINGULAR ENTREVISTA

Na condição de Espírito livre, tem o idiota consciência do seu estado mental?

Freqüentemente tem. Compreende que as cadeias que lhe obstam ao vôo são prova e expiação.

Questão nº 374

Há palavras que se desgastam, adquirindo conotação depreciativa.

Idiota é uma delas. Empregada para definir pessoas com dificuldade de desenvolvimento mental, soa hoje como xingamento.

Desgastou-se também a expressão *excepcional*, que inicialmente passava a idéia de alguém simplesmente diferente. Acabou por estereotipar-se como anormalidade.

Hoje pessoas assim são chamadas *especiais*. Definição feliz, sugerindo que merecem muito carinho, muita atenção de pais que receberam de Deus a honrosa tarefa de cuidar deles.

* * *

É ponto pacífico, em Espiritismo, que as limitações físicas e mentais são eficientes recursos

evolutivos, respostas das Leis Divinas aos desvios do Espírito.

Paralelamente, as restrições a que se vê submetido desenvolvem sua sensibilidade e despertam sua consciência, ajustando-o aos valores do Bem.

Mas que proveito pode tirar de sua experiência o portador de grave deficiência mental?

A humilhante dependência, a incapacidade de governar a própria existência, a rejeição social, esses fatores que isoladamente ou em conjunto podem transformar a jornada humana num oceano de amarguras, que significado terá para alguém que não possui consciência de sua condição?

Allan Kardec também deparou com essas dúvidas. Não obstante as respostas que recebia dos mentores que o assistiam, julgou oportuno entrevistar um Espírito que estivesse enfrentando tal situação.

Evocou, então, na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, um jovem deficiente mental. Algo inusitado, mas perfeitamente viável. Durante o sono o reencarnado afasta-se do corpo e pode, se as circunstâncias forem favoráveis, comunicar-se mediunicamente.

O resultado foi publicado na Revista Espírita, edição de junho de 1860, veiculando informações muito oportunas e esclarecedoras.

“Em vosso estado atual, como Espírito, tendes consciência de vossa nulidade no Mundo?”

“Certamente, sinto bem o meu cativoiro.”

Prisioneiro de um corpo com disfunções cerebrais congênitas, o Espírito não consegue comunicar-se através dele, como um músico impossibilitado de usar o violino se as cordas estão rompidas.

“Quando vosso corpo dorme e vosso Espírito se desprende, tendes as idéias tão lúcidas quanto se estivésseis em estado normal?”

“Quando meu corpo infeliz repousa, estou um pouco mais livre para me elevar ao Céu, a que aspiro.”

O que seria o Céu para um encarcerado?

A liberdade, sem dúvida.

Exatamente o que sente o entrevistado, vestindo uma armadura de carne que não governa e que lhe cerceia o contato com as pessoas.

Durante o sono, afastado do corpo, está mais à vontade, qual prisioneiro de cela solitária transitando momentaneamente pelo pátio do presídio.

“Como Espírito, experimentais um sentimento penoso do estado corporal?”

“Sim, pois é uma punição”.

O entrevistado revela consciência de que está pagando por seus erros. Vive tormentosa experiência que, muito mais que sumária punição, oferece-lhe a oportunidade de modificar suas disposições e superar suas tendências inferiores.

“Lembraí-vos da vossa existência anterior?”

“Oh! Sim! Ela é a causa de meu exílio atual”.

Fato interessante, que parece envolver os

portadores de graves deficiências mentais congênitas: não chegando a assumir a nova personalidade, permanecem bem vivas em sua memória as reminiscências da reencarnação anterior. Sofrem, assim, integralmente, a sensação de confinamento. Talvez esteja aí o seu tormento maior.

“Qual foi essa existência?”

“Um jovem libertino no tempo de Henrique III”.

Refere-se ao soberano francês que reinou de 1574 a 1589. A entrevista com Kardec foi em meados do século XIX, cerca de 300 anos depois. Isto confirma a idéia atual de que tendemos a ficar mais tempo do “outro lado”.

“Dissestes que vossa condição atual é uma punição. Então não a escolhestes?”

“Não.”

Espíritos esclarecidos, cientes de suas necessidades, planejam a jornada terrestre.

Espíritos inconseqüentes e criminosos são penalizados com situações indesejáveis.

As duas alternativas podem ser definidas como provação e expiação.

A *provação* é o resgate escolhido pelo reencarnante na busca de experiências redentoras, desejoso de testar suas aquisições morais.

A *expiação* tem caráter punitivo. É a Lei Divina a impor-se com medidas disciplinadoras para conter as tendências inferiores cultivadas pelo Espírito, induzindo-o à renovação.

“Como pode vossa existência atual servir ao vosso progresso no estado de nulidade em que estais?”

"Ela não é nula perante Deus, que a impôs".

O aprisionamento na deficiência mental é severo tratamento para os que se comprometeram na rebeldia.

O próprio “tom” que o Espírito imprime às respostas revela que está assimilando as lições aplicadas pela Justiça Divina.

“Prevedes a duração da existência atual?”

"Não; mais alguns anos e voltarei à minha pátria".

Na Espiritualidade está a pátria comum para onde retornamos sempre, após os estágios de aprendizado na escola terrestre, que pode transformar-se em reformatório, como no caso presente.

O manifestante não tem noção exata de quando partirá, mas sabe que não demorará muito, porquanto os problemas de limitação mental congênita quase sempre implicam em jornada de curta duração.

“Desde a existência precedente até a encarnação atual, que fizestes como Espírito?”

“Porque eu era um Espírito leviano, Deus me aprisionou”.

Incrível! Em perto de três séculos desencarnado ele não se dispôs a modificar seu comportamento, criando um impasse evolutivo. Um estacionamento na irresponsabilidade.

Freqüentemente os doutrinadores topam com Espíritos assim nas manifestações mediúnicas. Esgotados

os recursos mobilizados por generosos mentores espirituais que procuram alertá-los quanto aos seus enganos, a solução é o choque reencarnatório com o confinamento compulsório em situações dolorosas.

“No estado de vigília tendes consciência do que se passa em vosso redor, a despeito da imperfeição dos órgãos?”

“Vejo, entendo, mas o corpo não compreende nem vê”.

Há muito de real na afirmação poética de que os olhos são espelhos da alma.

No olhar triste dos deficientes mentais não é difícil enxergar a angústia sustentada por penoso confinamento. Ainda que sorriam mecanicamente, suas almas choram a liberdade perdida, o aprisionamento em sofrida limitação.

Mas não estão impossibilitados de receber ajuda.

Podem fazê-lo pessoas igualmente especiais, de uma especialidade diferente, sublime, inconfundível: a capacidade de doar amor, em manifestações de carinho e solicitude, dedicação e ternura.

Ainda que aparentemente pouco possam assimilar, colherão integralmente os benefícios prodigalizados por aqueles que os amam, como prisioneiros que recebem precioso e indispensável apoio, a fim de que se aquietem suas mentes conturbadas e se balsamizem seus doloridos corações.

UM CURSO BÁSICO DE VIDA

Qual, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estado de infância?

Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.

Questão nº 383

Conta-se que Licurgo foi convidado a falar sobre a educação. O grande legislador de Esparta aceitou, mas pediu um ano para preparar o material que iria apresentar.

Por que um homem tão sábio ocuparia tanto tempo para compor simples exposição de idéias?

Exigência aceita, prazo cumprido, ei-lo diante da multidão que compareceu para ouvir-lhe os conceitos. Trazia duas gaiolas. Numa estavam dois cães; duas lebres na outra.

Sem nada dizer, tirou um animal de cada gaiola,

soltando-os. Em instantes o cão estraçalhou a lebre.

Libertou em seguida os restantes. O público estremeceu, anteendo nova cena de sangue.

Surpresa: o cão aproximou-se da lebre e brincou com ela. Esta correspondeu, sem nenhum temor, às suas iniciativas.

- Aí está, senhores - esclareceu Licurgo - por que pedi prazo tão extenso, preparando esses animais. O melhor discurso é o exemplo. O que mostrei exemplifica o que pode a educação, que opera até mesmo o prodígio de promover a confraternização de dois seres visceral e instintivamente inimigos.

* * *

Harmonizar o cão e a lebre para uma convivência pacífica demandou doze meses.

Quanto tempo levará o espírito humano para harmonizar-se com a Vida?

Milênios, sem dúvida, mesmo porque o homem terrestre vive o estágio do sonambulismo existencial, alheio às questões fundamentais: quem é? de onde veio? o que faz no Mundo? para onde vai?

Enredado na rotina, acomoda-se em perturbador imobilismo, gerando freqüentes impasses evolutivos - um estacionamento na indiferença, prisioneiro de suas mazelas.

Isso ocorre particularmente no Plano Espiritual, em regiões umbralinas, onde estagiam multidões

inconseqüentes e indisciplinadas, sem outra motivação que a de satisfazer seus impulsos egocêntricos.

* * *

Por isso a reencarnação é tão importante.

A bênção do recomeço, sem lembranças do passado, ajudando o Espírito a eliminar paixões e fixações que precipitaram seus desvios.

Esse aprendizado é marcado por uma fase sabiamente programada por Deus - a infância, período em que o reencarnante situa-se receptivo aos estímulos que recebe, passíveis de influenciá-lo em favor da própria renovação.

Os pais assustam-se ao tomarem conhecimento do assunto. Afinal, eles próprios trazem suas perplexidades e limitações.

Consideremos, entretanto, que o Criador não confiaria a paternidade a pessoas inabilitadas. Seu exercício implica muito mais em *consciência* do que competência.

Licurgo exemplificou com competência o que pode a educação.

Pais educam seus filhos com a simples consciência de que é preciso exemplificar.

Tudo o que é virtuoso, bom, justo, honesto, verdadeiro, podemos ensinar-lhes com o simples empenho de guardar comportamento compatível.

* * *

Nesse contexto assusta saber que há multidões de crianças sob os cuidados de pessoas que não têm a mínima condição para dar-lhes educação adequada, por falta de recursos e, sobretudo, porque elas próprias são deseducadas.

Pior - há crianças que vivem nas ruas, sem família, sem amparo, sem orientação, à margem da sociedade.

Que benefício colhe o Espírito que transita pela infância em tal situação, colhendo, não raro, péssimas influências?

Não estaria melhor na espiritualidade?

Não seria conveniente aguardar um berço amigo?

Podemos responder lembrando que há ótimas escolas, bem equipadas, professores competentes, instalações excelentes... E há escolas que funcionam precariamente, com escassos recursos, corpo docente sem experiência...

Talvez fosse conveniente fechar estas últimas...

Ninguém dotado de bom senso cogitaria de semelhante iniciativa. Uma escola fraca é sempre melhor do que a ausência dela.

Assim, no educandário terrestre, ainda que o ambiente não seja o ideal, que os professores sejam falhos, que as condições deixem a desejar, o Espírito estará sendo submetido ao aprendizado da dor, aos estímulos impostos pelas necessidades físicas, às depurações da enfermidade e às limitações disciplinadoras da carne. Tudo isso faz da reencarnação,

em qualquer circunstância, um curso básico de vida que lhe agitará a consciência, preparando-o para o despertar da responsabilidade.

* * *

Nem por isso é curricular a miséria ou programada a escolaridade da indigência.

Admitir tais contingências como manifestações da Vontade Divina é interpretar erroneamente o princípio das vidas sucessivas, como ocorre na Índia, cuja população tem uma visão passiva, estática da reencarnação.

Apassivado, o hindu concebe que não lhe é lícito nenhum esforço por melhorar de vida ou mudar a posição em que se encontra, a fim de não fugir de seu destino ou deixar de cumprir o seu carma. Por isso, resiste naquele país o injusto sistema de castas, compartimentos sociais estanques em que se divide a sociedade.

Em algumas regiões, os párias, que compõem a classe mais pobre, não devem nem mesmo passar perto de alguém pertencente a uma casta superior, a fim de não maculá-lo com sua sombra.

Trata-se de uma aberração num país eminentemente reencarnacionista, porquanto um dos objetivos do princípio das vidas sucessivas é justamente o de eliminar preconceitos e distinções entre os homens, ensinando que devemos respeitar o próximo e confraternizar com ele, porquanto fatalmente

renasceremos entre aqueles que discriminamos por causa de sua cor, crença, raça ou classe.

* * *

Com a Doutrina Espírita aprendemos que as misérias humanas sustentam-se no egoísmo humano. É ele que gera os desníveis sociais, as castas, a exploração do homem pelo homem, os comprometimentos com o vício e o crime.

Se a escola terrestre ainda está no estágio da palmatória, a responsabilidade é da criatura humana, com seus desmandos e interesses escusos.

A própria devastação do meio ambiente, que pode gerar uma tragédia para a Humanidade, como advertem os ecologistas, não ocorre por determinação do Céu. É obra do homem.

Da mesma forma, a miséria que aflige populações imensas e a poluição moral do planeta devem ser debitados exclusivamente às tendências egocêntricas da criatura humana.

Deus trabalha incessantemente pela melhoria das condições de vida na Terra e envia seus mensageiros com a tarefa de nos explicar que é preciso combater o egoísmo.

Essa idéia fundamental está presente em Moisés, quando explica o que não devemos fazer - não roubar, não matar, não mentir, não cobiçar, não adulterar - nada que leve prejuízo a alguém...

Ressumbra nos ensinamentos de Jesus, exaltando o amor e explicando que é preciso fazer ao semelhante o bem que gostaríamos de receber dele...

Evidencia-se na máxima "Fora da Caridade não há Salvação" , que sintetiza os objetivos da revelação espírita, a nos mostrar gloriosas visões da vida espiritual, onde responderemos por todo mal que fizermos, por todo bem que deixarmos de fazer.

Como colaborar com o Criador na redentora cruzada antiegoísmo?

Da mesma forma que os pais são chamados a ensinar seus filhos: exemplificando.

Por isso o espírita consciente fatalmente vincula-se a obras de benemerência social, que visam melhorar as condições de vida da Terra.

* * *

As religiões cristãs anunciam o Reino de Deus, prometido por Jesus. Muitos esperam por ele como quem aguarda um decreto divino que transformará a Terra num paraíso. Imaginam que o Criador proclamará, à maneira do legislador humano:

- Está instalado o Império do Bem. Revogam-se as disposições em contrário.

Não foi assim que Jesus ensinou?:

O Reino de Deus está dentro de vós.

Esta observação do Mestre deixa bem claro que o Reino somente se estenderá sobre o Mundo na medida

em que se instale nos corações humanos.

Estamos longe dessa realização sublime, porquanto ainda hoje, como explicava Jesus, “muitos são os chamados” (todos os que ouvem a mensagem cristã) “e poucos os escolhidos” (aqueles que se apresentam para o serviço).

Nem por isso estamos impedidos de experimentar as benesses do Reino, que estará se corporificando em nós, desde agora, se atendermos à convocação divina.

GENTE ACORDANDO

Que é o que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência?

É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era. (...)

Questão nº 385

Num debate sobre os problemas da adolescência um dos participantes, pai de cinco garotões, comentou:

- É um período tão complicado, tão cheio de contradições e rebeldia, que o ideal seria nossos filhos dormirem ao início da puberdade e só acordarem na idade adulta.

Ocorre justamente o contrário.

Imaginemos alguém que dormisse durante anos. Ao despertar teria dificuldade para localizar-se, aclarar idéias, reintegrar-se na vida familiar e social.

Algo semelhante ocorre com o Espírito ao reencarnar. Situa-se semi-adormecido durante a infância. Desperta preso a um corpo que o desligou do passado, impondo-lhe ingentes esforços para retomar o exercício

da razão e a iniciativa.

Um amigo costuma dizer, jocosamente:

- Não seriam a proverbial displicência, o desleixo do adolescente em relação ao próprio corpo, resultantes da falta de costume? Na espiritualidade não é preciso tomar banho, cortar os cabelos, arrumar a cama...

* * *

Acresça-se que esse despertar é marcado por significativas mutações orgânicas, desencadeadas a partir da hipófise, que estimula o funcionamento do sistema endócrino, particularmente as glândulas sexuais.

Acelera-se o crescimento. Os ombros dos meninos e os quadris das meninas tornam-se mais largos; desenha-se a silhueta feminina, arredondada por uma camada de gordura que se desenvolve sob a pele. Surgem os pêlos púbicos e axilares, estendendo-se, nos meninos, ao rosto e tórax. A primeira menstruação indica a maturidade sexual nas meninas; nos meninos ela se manifesta com as primeiras ejaculações.

Raramente há um crescimento proporcional, o que torna o adolescente desajeitado e desengonçado, gerando timidez e insegurança.

Por outro lado, deixando a tutela dos pais, ele é chamado a enfrentar os desafios do relacionamento social, ajustando-se aos padrões de comportamento vigentes.

Sobretudo, há o compulsivo empenho de auto-

afirmação, que o leva a assumir posições contestatórias e de rebeldia, principalmente no lar, como se quisesse provar às pessoas e a si mesmo que é gente.

Situa-se, assim, como uma personalidade que ainda não definiu bem seus contornos, sua maneira de ser, tateando entre a generosidade e a mesquinhez, a brandura e a agressividade, o egoísmo e o altruísmo, a euforia e a angústia. Hoje brigado com a Humanidade; amanhã, em paz com a Vida. Quer morrer num dia; noutro sente-se o mais feliz dos mortais...

* * *

Segundo os psicólogos, muitos problemas que afligem as pessoas têm origem em ajustes mal resolvidos desse período de transição, em traumas não superados, relacionados particularmente com a vida familiar.

O psicoterapeuta seria um detetive tentando descobrir se a frigidez sexual de uma mulher não seria decorrente da leviandade de sua mãe; se maus tratos não teriam gerado as tendências de um criminoso psicopata; se o paciente que tem medo irracional de mergulhar na água não teria sofrido um acidente em que quase morreu afogado...

Esse jogo de adivinhação não dará certo enquanto médicos e psicólogos não compreenderem que a personalidade humana é apenas a parte visível de uma individualidade imortal, o Espírito, com vivências milenárias no pretérito que se resumem na forma de

tendências e aptidões.

As próprias ocorrências traumáticas que venha a enfrentar, na infância ou na adolescência, o atingirão na medida de suas próprias necessidades ou de conformidade com o estágio evolutivo em que encontra.

Num lar onde os pais são deseducados, convivendo às turras, xingando-se, agredindo-se com palavras e atos, cada filho incorporará algo daquela influência consoante seu grau de maturidade. Uns seguirão os exemplos dos pais, outros sentirão horror de semelhante comportamento, porque já superaram a agressividade.

Da mesma forma, o espírito viciado afiniza-se com o vício, o virtuoso com a virtude. Pais austeros, que deram os melhores exemplos de honestidade e retidão aos filhos, atormentam-se ao constatar que eles adotaram uma orientação de vida contrária aos valores recebidos.

- Será que nosso empenho foi em vão? - perguntam, angustiados.

Evidente que não. Seria muito pior sem seus cuidados. E o que ofereceram aos filhos jamais se perderá, situando-se como abençoada sinalização para uma mudança de rumo, retificando seus caminhos, quando a vida lhes impuser angustiantes desenganos.

* * *

Um homem rico e poderoso esmerou-se na educação de seus dois filhos, oferecendo-lhes os

melhores exemplos de retidão, em existência confortável e segura.

Um deles, entretanto, aborrecendo-se das disciplinas do lar, pediu ao pai sua parte na herança. Este, sábio e prudente, considerou que era chegado o momento do filho colher de suas próprias experiências. Deu-lhe considerável soma de dinheiro e o deixou partir.

O jovem foi para país distante, onde dissipou a fortuna que trazia, em noitadas alegres, cercado de amigos que logo se afastaram, porquanto somente tinham amizade por seu dinheiro.

O país estava em recessão. O desemprego grassava. Tudo o que o jovem conseguiu foi a função de guardador de porcos. Sofreu muito, passou privações, até que um dia caiu em si, considerando que na casa de seu pai até os servos viviam melhor. Decidiu voltar.

Diante do pai, prosternando-se, confessou em lágrimas:

- Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho!...

O pai, porém, ergueu-o, abraçou-o carinhosamente e, dirigindo-se aos servos, ordenou:

- Façamos uma grande festa. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.

* * *

Certamente o leitor identificou na narrativa a

parábola do filho pródigo, a mais bela história contada por Jesus.

Simboliza nosso relacionamento com Deus, o Pai que nos cede os patrimônios da Vida que, não raro, malbaratamos e consumimos na inconseqüência. É bastante ilustrativo o fato de que o termo religião significa *religar*. Intuitivamente sempre soubemos que temos andado afastados de Deus.

Algo semelhante ocorre em relação aos nossos filhos.

Podemos e devemos proporcionar-lhes um lar ajustado e feliz, com os melhores valores de uma dedicação sem limites, mas chegará o momento em que deverão seguir seu caminho.

Ainda que não elejam o roteiro mais adequado, transviando-se, o importante é jamais fechar a porta do carinho e da solicitude, porquanto fatalmente retornarão a nós, na Terra ou no Além, ansiando por aconchego e esperança.

MERGULHO NA ETERNIDADE

*Durante o sono, a alma repousa como o corpo?
Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono,
afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e,
não precisando este então da sua presença, ele se
lança pelo espaço e **entra em relação mais
direta com os outros Espíritos**.*

Questão nº 401

Passamos aproximadamente um terço de nossa vida a dormir. Um ano na cama, em cada três; trinta anos, numa existência de noventa. É muito tempo...

Trata-se de uma atividade (ou seria inatividade?) nebulosa. Pouco se tem avançado sobre o assunto, além do reconhecimento de que atende a uma necessidade orgânica tão imperiosa quanto a alimentação.

Experiências demonstram que alguns dias insones provocam variados desajustes. O indivíduo sofre debilidade física, dificuldade de raciocínio, tensão, alucinações, depressão e até crises de insanidade. Tudo isso desaparece com uma boa noite de sono.

* * *

Intensas pesquisas têm sido realizadas nas últimas décadas sobre o sono. Consideram os cientistas que nesse vasto e desconhecido continente, do outro lado da vigília, está a solução para muitos males que afligem a criatura humana.

Voluntários adormecem em laboratório, ligados a sofisticados aparelhos de eletroencefalografia, que medem suas ondas cerebrais, constatando-se que há vários tipos de sono, mais ou menos profundos, que parecem atender a necessidades específicas do organismo.

Os psicanalistas detêm-se nos sonhos, desenvolvendo sua terapia a partir da divisão do psiquismo humano em três partes distintas:

Consciente, a parte ativa de nossa mente, representada pelo que estamos falando ou pensando.

Subconsciente, as informações e reminiscências que podem aflorar em nossa consciência mediante simples ato da vontade. O número de nosso telefone, por exemplo.

Inconsciente, um compartimento estanque da memória, onde estão “aprimonadas” lembranças e experiências que não podem ser liberadas sem auxílio externo (o psicanalista).

Imaginemos um computador:

O que aparece no monitor de vídeo, em caracteres luminosos, é o consciente.

O subconsciente está representado nos dados armazenados que aparecem na tela, mediante a digitação de comandos elementares - a evocação de um nome, uma data, uma experiência vivida...

O inconsciente é a memória secreta do computador, a qual somente temos acesso quando conhecemos a senha de entrada no sistema.

Para Freud, o pai da Psicanálise, muitos males que afligem o paciente têm origem em acontecimentos do passado, segregados no inconsciente. O sonho seria a senha, cuja interpretação favoreceria uma *catarse* em psicologia, "o efeito salutar provocado pela conscientização de uma lembrança fortemente emocional e/ou traumatizante, até então reprimida".

Tradução: descoberta a causa do mal, ele tenderá a desaparecer.

* * *

Faltou a Freud o conhecimento da reencarnação para dar consistência às suas teorias. No inconsciente estão sepultados acontecimentos e experiências de vidas anteriores e, geralmente, o que nos oprime é muito mais a pressão daquele passado remoto.

O psicanalista teria dificuldade em conciliar o horror que o paciente tem de gravatas, colarinhos, qualquer coisa que lhe envolva o pescoço, com insistente sonho em que se vê sendo enforcado.

Qualquer iniciante espírita identificaria facilmente

um acontecimento dramático e traumatizante da vida anterior - o enforcamento - a sustentar a fobia e os sonhos do presente.

* * *

O Espiritismo vai muito além no assunto, a partir da informação de que durante as horas de sono nosso espírito experimenta uma emancipação ou liberdade relativa, já que *não tem necessidade de repouso* e pode movimentar-se no plano espiritual enquanto o corpo dorme.

Por isso Coelho Neto, que aceitava o Espiritismo, dizia com propriedade que o sono é um mergulho na eternidade.

Estamos impossibilitados de recordar plenamente nossas incursões diárias no além, porque estamos sujeitos às limitações do cérebro físico, que só registra de forma clara e objetiva as informações que passam pelos cinco sentidos - tato, paladar, olfato, visão e audição. Ficam apenas resíduos, na forma de imagens oníricas.

Isso não significa que todos os sonhos sintetizam vivências espirituais. Há que se distinguir outros dois tipos:

Fisiológico, aquele que exprime um estado físico, algo que está acontecendo com nosso corpo, enquanto dormimos. Numa noite muito fria, movimento-me na cama e me descubro. Sono pesado, não acordo. O desconforto provocado pelo frio será dramatizado numa

imagem onírica. Vejo-me a tiritar num campo de neve...

Psicológico, que reflete uma preocupação intensa ou profundo envolvimento com algo ou alguém. Antes do advento dos computadores no Banco do Brasil, era preciso somar as contas correntes, cujo total, segundo o jargão bancário devia “bater” com o balancete. Trabalho insano. Eram doze mil contas. Nunca “batia”. Ficávamos horas repetindo verificações. Nessas oportunidades, ao dormir, via-me no Banco às voltas com o tedioso serviço.

Podemos situar também como sonho psicológico aquele que se repete insistentemente, revivendo situações do passado próximo ou remoto, na existência atual ou anterior.

A identificação exata da natureza de nossos sonhos é um tanto difícil, porquanto os três tipos se confundem.

Pessoas dotadas de sensibilidade psíquica, os médiuns, parecem gravar com maior riqueza de detalhes suas experiências oníricas extracorpo. Um destes dizia estranhar o fato de que sonhava muito com familiares e amigos “mortos”. Não há motivo. Todos temos esse tipo de contato. É que poucos registram.

* * *

Quer lembremos ou não da vivência espiritual durante o sono, podemos perfeitamente definir a natureza de nossas experiências e contatos com o simples cuidado de analisar nosso estado de ânimo ao retomar o

corpo.

Como despertamos?

Em paz, alegres, saudáveis, descansados, harmonizados? - Ótimo! Estivemos em boa companhia.

Acordamos “brigados com a Humanidade”, “chutando latas”, nervosos, agressivos, infelizes, deprimidos, angustiados? Cuidado! Estamos sendo mal influenciados.

* * *

Dizia o Padre Antonio Vieira:

“O sono é a imagem da morte, os sonhos são a imagem da vida. Cada um sonha como vive. Os sonhos são uma pintura muda, em que a imaginação, a portas fechadas e às escuras, retrata a vida e a alma de cada um, com as cores de sua ação, dos seus propósitos e dos seus desejos.”

Vieira viveu dois séculos antes da codificação do Espiritismo. Não tinha conhecimento das atividades do Espírito durante o sono físico, atribuindo suas reminiscências à imaginação.

Mas, intuitivamente, exprimiu uma realidade. Nossos sonhos refletem nossa maneira de ser, interesses e ideais que nos marcam a existência, na medida em que nossas experiências extrafísicas durante o sono relacionam-se intimamente com nossas cogitações na vigília.

Por isso, se queremos bons sonhos e um despertar

feliz, é imperioso que cultivemos os valores do bem e da verdade. Assim, enquanto o corpo repousar estaremos convivendo com amigos e mentores, aprendendo e servindo, como um ensaio feliz para a transferência definitiva, quando a morte nos convocar.

the first of which is the...
second is the...
third is the...
fourth is the...

...
...
...

...
...
...
...
...

...
...
...
...
...

...
...
...
...
...

...
...

CHAME O COVEIRO!

“Na letargia pode o Espírito separar-se inteiramente do corpo, de modo a imprimir-lhe todas as aparências da morte e voltar depois a habitá-lo?”

“Na letargia, o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado. Em se rompendo, por efeito da morte real e pela desagregação dos órgãos, os laços que prendem um ao outro, integral se torna a separação e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Desde que um homem, aparentemente morto, volte à vida, é que não era completa a morte.”

Questão nº 423

Num seminário sobre a morte ouço curiosa pergunta:

- Se eu passar por um transe letárgico, for dado

como morto e despertar na sepultura, o que acontecerá comigo?

Respondo o óbvio:

- Certamente vais morrer! Desta vez será prá valer! Se não sofres de claustrofobia, não te preocupes. Não haverá agonia prolongada. Em minutos faltará oxigênio e serás consumado defunto, dispensado de atestado de óbito, velório e sepultamento, providenciados por antecipação.

E a sugestão:

- Preferindo, para tua tranqüilidade, manda instalar um sistema de alarme no caixão funerário. Em te identificando na temida conjuntura é só apertares o botão. O coveiro virá de imediato abrir a sepultura e serás um lázaro redivivo.

* * *

Há muita fantasia em torno do assunto.

Filmes de terror exploram exaustivamente o tema. Histórias descrevendo mortos que se levantam da sepultura para assombrar os vivos.

Os roteiristas sabem da atração que as pessoas sentem pelo macabro, principalmente quando envolve seus temores.

Muita gente foi enterrada viva no passado, principalmente por ocasião de batalhas e epidemias. Havia tantos cadáveres que nem sempre os improvisados coveiros davam-se ao trabalho de verificar se estavam

devidamente mortos.

Difícilmente algo semelhante ocorreria na atualidade. Nossas leis obrigam o exame do cadáver por médico que firmará o atestado de óbito necessário ao sepultamento. Ele tem plenas condições para verificar se o pranteado “bateu com as botas” ou situa-se em estado letárgico.

* * *

Letargia não é sinônimo de morte.

Todas as funções vitais permanecem ativas. O ritmo da vida é que se torna mais lento, como numa hibernação, emprestando-lhe a aparência de um cadáver.

Com o estetoscópio o médico constatará que o coração continua a bombear sangue, tão lenta e suavemente que é quase imperceptível.

O espelhinho junto às narinas exibirá esmaecimento provocado pelo vapor da respiração.

Nos olhos verificará se ocorreu a midríase, uma dilatação extremada das pupilas que caracteriza a morte cerebral.

* * *

O temor de ser sepultado vivo está associado a experiências traumáticas em existências anteriores.

Pouco provável que o problema tenha ocorrido conosco, mas, certamente, passamos todos pelo constrangimento de acompanhar o sepultamento ligados

ao cadáver.

Isso porque não há simultaneidade entre morte e desencarnação.

Morremos quando o coração entra em colapso.

Desencarnamos quando se completa o desligamento dos laços fluídicos que nos prendem ao corpo, o que pode ocorrer alguns minutos, horas ou dias após a parada cardíaca.

Quanto mais envolvido estiver o desencarnante com interesses materiais, vícios e paixões, mais tempo permanecerá ligado.

Daí muitos trazerem na memória espiritual o registro do horror que sentiram junto ao cadáver em decomposição, observando o banquete dos vermes, impregnando-se da apavorante impressão de alguém que esteve enterrado vivo.

* * *

Se o desligamento não foi iniciado é possível, em situações peculiares, reanimar o músculo cardíaco, ressuscitando o morto.

Os médicos dispõem de alguns minutos para as providências necessárias, envolvendo aplicação de adrenalina, choque elétrico, respiração artificial, massagem com pressionamento do tórax.

Nos grandes hospitais e prontos-socorros há equipes treinadas para tais emergências, habilitadas a agir com extrema rapidez, em ingente luta contra o tempo,

porquanto consumada a morte cerebral por falta de oxigenação, será impossível reverter a situação.

* * *

Há exceções ao longo da História, envolvendo defuntos que ressuscitaram horas e até dias após a morte, configurando interferência milagrosa de poderes sobrenaturais.

Exemplos típicos estariam em Jesus que, segundo os textos evangélicos, teria promovido três ressurreições:

A filha de Jairo (Lucas, 8:49-56);

O filho da viúva de Naim (Lucas, 7:11-17);

Lázaro, irmão de Marta e Maria (João, 11:1-46).

Difícil avaliar devidamente episódios ocorridos há tanto tempo, com registros fragmentários inspirados em desgastadas tradições orais.

Jesus certamente esteve em contato com muitos defuntos durante seu apostolado. Somente três receberam o benefício do retorno à vida física, provavelmente porque *não estavam mortos*.

Permaneciam em estado letárgico.

* * *

Há o acontecimento mais espetacular: a ressurreição de Jesus.

Estaria o Mestre em estado letárgico?

O próprio relato de sua morte evidencia que não. Esvaiu-se em sangue, o coração entrou em colapso, proclamou a própria morte, entregando seu espírito ao

Pai.

Os soldados romanos, segundo o evangelista João, ainda o lancetaram.

Sua “ressurreição” situa-se na fenomenologia mediúcnica definida pela Doutrina Espírita:

Vidência, quando Maria o contemplou à beira do sepulcro. Jesus recomendou-lhe que não o tocasse justamente porque ela o via com os olhos do espírito. Não era tangível.

Materialização, nas várias oportunidades em que esteve com os discípulos, após a crucificação.

Foram, portanto, manifestações espirituais que, longe de milagrosas, vinculam-se às leis que regem o intercâmbio entre os homens e os Espíritos.

* * *

Para Deus, evidentemente, nada é impossível, até ressuscitar cadáveres, mesmo quando consumado o desligamento do Espírito.

Ocorre que O vemos pela ótica antropomórfica, imaginando-O um soberano celeste a promover milagrosas interferências para impressionar seus súditos.

Muito mais que isso, Deus é a inteligência cósmica, o Criador Supremo. Sem qualquer preocupação em nos impressionar, atua por intermédio de leis sábias que delineiam com perfeição as fronteiras entre a vida e a morte para o corpo físico, esta máquina perecível que aprisiona transitoriamente o Espírito imortal.

A INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS

Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que de ordinário são eles que vos dirigem.

Questão nº 459

Há uma realidade, digamos, *assombrosa*, intuída pelos antigos, hoje demonstrada pela Doutrina Espírita:

A presença dos Espíritos em nossa vida.

Não se situam como meros observadores.

Participam de nossas experiências, tomam partido em nossas querelas, influem em nossas decisões...

E o fazem pelos condutos do pensamento, convivendo conosco na tela mental, sem que percebamos que muitas de nossas idéias, desejos e iniciativas têm o seu selo, são filhos de suas sugestões.

* * *

Há que se fazer, neste particular, uma distinção:

Os Espíritos evoluídos, chamados superiores, deixam-nos à vontade. Mostram os caminhos retos, mas

respeitando o direcionamento que imprimimos às nossas iniciativas. Sabem que a vida é nossa e que devemos exercitar a liberdade de escolher para assumir a responsabilidade do que fazemos. É assim que desenvolvemos experiências que conduzem ao discernimento.

O mesmo não ocorre com os Espíritos atrasados, chamados inferiores, que eufemisticamente poderíamos denominar “menos bons”, já que, como filhos de Deus, há neles uma renegada mas indestrutível vocação para o Bem, que mais cedo ou mais tarde modificará suas disposições. Até que isso ocorra, exploram nossas mazelas, induzindo-nos a fazer o que desejam, comprometendo-nos com o erro e o vício. Isso lhes garantirá plena ascendência sobre nós.

A chamada obsessão, o domínio exercido por estes Espíritos sobre os homens, um dos mais graves e subestimados problemas que atormentam a humanidade, começa exatamente quando nos rendemos às suas sugestões, a partir de determinados pensamentos e atitudes que abrem as portas de nosso psiquismo à sua influência.

* * *

No livro “Ideal Espírita” há uma oportuna mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, onde o Espírito Scheilla aborda o assunto e nos apresenta sinais de alarme indicando, como diz, “queda provável

na obsessão". São os seguintes, aos quais aduzimos exemplos:

"Quando entramos na faixa da impaciência."

- Imbecil! O sinal abriu e ele não movimentou o automóvel! Está sonhando!...

"Quando acreditamos que a nossa dor é a maior."

- Oh! Meu Deus! Por que só acontecem essas coisas comigo?!...

"Quando passamos a ver ingratidão nos amigos."

- Fiz tanto por ele e é assim que o infeliz me paga!...

"Quando imaginamos maldade na atitude dos companheiros."

- Foi de propósito, só para me humilhar!...

"Quando comentamos o lado menos feliz dessa ou daquela pessoa."

- Nem te conto! O fulano...

"Quando reclamamos apreço e reconhecimento."

- Ninguém me entende!...

"Quando supomos que nosso trabalho está sendo excessivo."

- Estou farto!

"Quando passamos o dia a exigir esforço, sem prestar o mais leve serviço."

- Estou aqui para orientar.

“Quando pretendemos fugir de nós mesmos, através da gota de álcool ou da pitada de entorpecente.”

- Só mais um...

“Quando julgamos que o dever é apenas dos outros.”

- Meu caso é diferente. Há motivos relevantes.

* * *

As normas de trânsito têm uma função organizadora, favorecendo o fluxo de veículos com rapidez e segurança.

Sua eficiência, todavia, subordina-se à disciplina dos usuários.

Não é novidade que boa parte dos acidentes que ceifam vidas, mutilam pessoas e causam prejuízos consideráveis estão relacionados com a desatenção dos motoristas e, sobretudo, seu descaso às normas.

Algo semelhante ocorre com a preciosa sinalização apresentada por Scheilla. É ótima. Orienta, favorece nosso equilíbrio e bem-estar, mas somente quando a observamos, cuidando para não incorrer em desvios.

* * *

O problema é que apreciamos os caminhos que Scheilla aponta como perigosos, a procura de enganosos atalhos.

Algo mais ou menos como a história do motorista que viu uma placa de sinalização na avenida, proibindo a conversão à esquerda.

Deveria dar volta ao quarteirão, saindo à direita.

- Droga! Vou perder tempo...

Olhou para a outra pista. Nenhum veículo em sentido contrário. Sem titubear, fez a manobra proibida.

Mal cometera a infração, ouviu o apito do guarda. Parou o veículo. O homem da lei aproximou-se:

- Não viu a placa de sinalização proibindo a conversão à esquerda?

- Sim...

- E por que não obedeceu?

- É que não vi o senhor...

* * *

Bem, amigo leitor, quando não observamos sinais como aqueles definidos por Scheilla há um policial que mais cedo ou mais tarde vai nos cobrar pela infração:

Nossa consciência.

E o fará impondo-nos penosas retificações.

Mesmo antes disso teremos problemas.

Seguindo por caminhos indevidos fatalmente daremos "carona" aos malfeitores da estrada, Espíritos que explorarão nossas mazelas, precipitando-nos em indesejáveis situações de perturbação e desajuste.

Tudo isso seria evitado se respeitássemos os sinais de perigo, contendo nossos impulsos menos felizes.

PROFILAXIA DA OBSESSÃO

“Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?”

“Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós.” (...)

Questão nº 469

A obsessão subordina-se à sintonia.

De conformidade com o que pensamos e fazemos, estabelecemos um padrão vibratório que nos coloca em contato com Espíritos que nos influenciam.

Basicamente, portanto, a cura da obsessão relaciona-se com nosso empenho de renovação, colocando em prática os dois princípios definidos pelos mentores que assistiam Kardec:

A prática do bem e a confiança em Deus.

Praticar o bem, segundo a conceituação evangélica, é fazer ao semelhante o que gostaríamos que ele fizesse por nós.

Confiar em Deus é a disposição de colocar nossa vida em Suas mãos, buscando-lhe a inspiração,

conscientes de que o Senhor nos reserva sempre o melhor.

Não obstante, é importante “trocar em miúdos” essa orientação e até mesmo estabelecer um conjunto de normas que favoreçam sua implementação em nosso benefício, como uma *profilaxia da obsessão*.

* * *

A propósito há um interessante artigo da escritora Nardi Reeder Champion, publicado pela revista “Seleções”, janeiro de 1987, sob o sugestivo título: “É Fácil Ser Feliz”.

Ela reporta-se a uma época difícil de sua vida. Havia mudado de cidade em função da atividade profissional do marido. Não conseguira adaptar-se à nova situação. Sentia-se muito deprimida.

Certo dia, arrumando alguns pertences, encontrou um livro encadernado. Era o diário de uma tia-avó, já falecida, que morara com seus pais. Lembrava-se bem dela, com quem convivera durante sua infância. Seu traço mais marcante era a jovialidade. Além de nunca reclamar, conservava sempre meigo sorriso. Diziam que ela era capaz de ver sempre o lado bom das pessoas.

Curiosa, Nardi abriu o diário.

Uma surpresa: em princípio a tia confessava-se infeliz. Tivera um namorado a quem amara muito. Ele morrera. Sem uma profissão definida, Grace morava com os familiares. Nessa dependência, sem realizar seu sonho matrimonial, vivia tormentosa frustração. E escreveu no

diário:

"Minha situação não vai mudar, o noivo não vai voltar. Portanto, quem deve modificar-se sou eu. Tenho meditado sobre meus problemas. Para superá-los estabelecerei um conjunto de normas simples que procurarei pôr em prática. Queira Deus que este plano me liberte da desolação em que vivo."

E transcrevera o que se propunha a cumprir diariamente:

"Fazer algo por outra pessoa".

"Fazer algo por mim mesma".

"Fazer algo que não tenha vontade mas que precisa ser feito".

"Fazer um exercício físico".

"Fazer um exercício mental".

"Fazer uma oração, que incluía agradecimento a Deus pelas bênçãos recebidas".

* * *

Grace comentava que se limitara àquelas regras por sentir que representavam uma quantidade **praticável**.

E anotara suas experiências:

Algo por outra pessoa: comprou mocotó e fez uma geléia para uma amiga doente.

Algo por si mesma: enfeitou um velho chapéu com flores artificiais e um véu; recebeu muitos elogios e considerou bem empregado o dinheiro e o tempo que

gastou.

Algo que não tenha vontade mas que precisa ser feito: arrumou um armário de roupa de cama-e-mesa; lavou três dúzias de lençóis; deixou que secassem ao sol e tornou a guardá-los, bem dobrados, com sachês de alfazema;

Exercício físico: começou a jogar croquetê e a caminhar até a aldeia, dispensando a charrete.

Ginástica mental: iniciou a leitura, um capítulo diário, do livro "O Cavalo Negro", de Charles Dickens, que estava em moda.

Houve problemas com a última norma, a oração. Não conseguia concentrar-se na igreja. Ficava reparando nos outros. Por fim, encontrou a solução. Orava a sós, numa pedra perto do riacho que passava próximo à sua casa. Pedia a Deus que a ajudasse a florescer onde estava plantada. Depois agradecia as bênçãos recebidas, a começar pela família, sem a qual se sentiria abandonada e perdida.

* * *

Nardi emocionou-se com a singeleza da tia. Mas esqueceu o assunto. Afinal, era uma mulher moderna, que não iria solucionar seus problemas com fórmulas antigas de uma tia solteirona.

No entanto, continuou deprimida e certo dia, em que estava particularmente angustiada, lembrou-se de tia Grace. E se experimentasse sua fórmula? Não custava

tentar...

Começou fazendo algo por alguém.

Telefonou para uma vizinha, a sra. Phillips, de 85 anos, que estava doente e vivia sozinha. Uma das curiosas frases de tia Grace não lhe saía da cabeça:

“Só eu mesma posso tomar a iniciativa de deixar o sarcófago do egoísmo.”

Telefonou para a velhinha. Esta a convidou para o chá. Foi um ponto de partida. A sra. Phillips ficou encantada por ter com quem conversar. E disse, em meio à conversa:

“Às vezes, o que deve ser feito e não temos vontade é a primeira coisa que devemos fazer, até para que deixemos de nos preocupar com o assunto.”

Nardi voltou para casa impressionada com o discernimento da nova amiga. Ela tinha lançado nova luz sobre a terceira regra de tia Grace. Desde a mudança adiaava o trabalho de pôr em ordem uma escrivaninha. Resolveu arrumar tudo. Organizou o arquivo. Enfeitou a mesa. Sentiu-se feliz ao terminar a tarefa tantas vezes negligenciada.

Cumprindo a segunda regra preparou um banho de imersão com ervas medicinais. Isto lhe dava enorme bem-estar. Em princípio ganhou algumas da sra. Phillips. Depois decidiu ela própria cultivá-las. Com as ervas aprendeu a confeccionar sachês aromáticos que oferecia de presente, alegrando pessoas. Percebeu que fazer algo por si mesma acabava se transformando em fazer algo

pelos outros, e vice-versa, enriquecendo sua existência.

Quanto ao exercício físico pensou em correr, mas não levava jeito. O marido sugeriu que andasse. Iria junto. Começaram a fazê-lo pela manhã, antes do café. Descobriram que andar juntos era um estímulo maravilhoso para se comunicarem conversando. Gostaram tanto que substituíram a bebida que costumavam tomar à tarde por outra caminhada.

Para a ginástica mental diária matriculou-se num curso de poesia, cujo professor valorizava a memória. E Nardi desenvolveu-a decorando poesias. Depois divertia-se em filas e salas de espera declamando, em pensamento, as poesias decoradas.

Não dispunha de uma pedra à beira do rio para a oração, como tia Grace, mas descobriu uma igreja humilde, onde se isolava num horário tranqüilo. Ali meditava e se ligava ao Céu.

* * *

“Será que a vida pode ser vivida de acordo com uma receita?” - pergunta Nardi ao final do artigo.

E responde:

“Só sei que desde que comecei a seguir esses preciosos preceitos, tornei-me mais dedicada aos outros e, conseqüentemente, menos preocupada comigo mesma. Em vez de me lamentar, adotei o lema de tia Grace: “Florescer onde estou plantada”.”

* * *

Seriam as normas de tia Grace uma aplicação prática dos dois princípios que nos permitem inibir a ação dos maus Espíritos?

Creio que sim.

Afinal, ajudam-nos a “sair do sarcófago do egoísmo” e a “florescer onde estamos plantados”, atitudes intimamente relacionadas com a prática do bem e a confiança em Deus.

... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...

... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...

...

... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...

A AJUDA DO CÉU

Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?

Há o irmão espiritual, o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.

Questão nº 489

Reportando-se ao nascimento de Jesus, conta o evangelista Mateus, no capítulo II de suas anotações, que Herodes, o Grande, apavorou-se com a notícia de que nascera em Belém um menino da linhagem de David, que seria o rei dos judeus, tirando-lhe o trono.

Imperioso conjurar aquela ameaça.

Sem saber exatamente quem era nem quando se dera o nascimento, concebeu uma solução simplista e drástica, típica dos tiranos sanguinários:

Determinou que naquela cidade e adjacências fossem mortos todos os meninos com idade abaixo de dois anos.

Calcula-se que perto de trinta crianças foram barbaramente assassinadas no famigerado episódio que ficou registrado como “a matança dos inocentes”.

No entanto, um anjo apareceu a José em sonho, recomendando-lhe que tomasse o menino e sua mãe, fugindo com eles para o Egito.

Obediente, o carpinteiro seguiu a orientação e salvou Jesus da sanha assassina de Herodes.

* * *

Temos nesta passagem evangélica o mais famoso episódio envolvendo a ação dos anjos de guarda, seres espirituais que, segundo a tradição cristã, têm a missão de proteger os homens.

Eles estão presentes em todas as culturas, sob várias denominações - gênios, fadas, deuses, protetores, guias -, sempre empenhados em prestar assistência aos seus tutelados.

O manto de fantasia que envolvia o assunto foi desvelado pela Doutrina Espírita, que confirma sua existência e revela que não se situam como seres especiais, de natureza distinta da criatura humana.

São Espíritos como nós, mais evoluídos e habilitados a nos amparar nas experiências reencarnatórias.

Não fomos criados todos ao mesmo tempo.

Não detemos a mesma idade espiritual ou o mesmo grau de maturidade.

Situamo-nos em variados estágios de aprendizado, em degrau compatível com nossas necessidades, lembrando a escada de Jacó da alegoria

bíblica, que vai da Terra ao Céu.

Cumprindo a Lei de Amor, que rege o Universo, os que avançam nos domínios da compreensão e da responsabilidade ocupam-se em ajudar os irmãos que seguem atrás, estabelecendo elos de solidariedade entre os filhos de Deus.

* * *

Num momento de má inspiração, Thomás de Aquino, em sua famosa Súmula Teológica, proclamou que a felicidade dos habitantes do Céu é contemplar a infelicidade dos que jazem no inferno.

Isso é puro sadismo.

O mesmo que visitar hospitais para nos regozijarmos com nossa saúde, ou penitenciárias para a satisfação de estarmos em liberdade, ou os pobres para gozarmos nossa condição melhor.

Semelhantes iniciativas seriam a consagração do egoísmo.

Aprendemos com a Doutrina Espírita que a felicidade do Céu é socorrer a infelicidade da Terra. Exatamente o que fazem os Espíritos evoluídos, conscientes de que no empenho de amparar seus irmãos está sua realização como filhos de Deus.

* * *

Geralmente o anjo de guarda é alguém ligado ao nosso coração.

Compomos famílias espirituais que evoluem em conjunto, amparando-se mutuamente. Neste particular podemos considerar que não temos um único protetor espiritual, mas muitos, todos aqueles que, no Plano Espiritual ou na carne, nesta vida ou no Além, situam-se em condição e disposição de nos ajudar.

Haverá anjo de guarda mais prestimoso, mais cuidadoso, mais preocupado com seu protegido do que um coração materno?

Animador, não é mesmo amigo leitor?

Problemas seriam solucionados, angústias seriam amenizadas, sentimentos de solidão e abandono se esfumariam se em todas as situações guardássemos a certeza de que “lá em cima” há gente que gosta de nós, que se preocupa conosco. Gente que nos acompanha, gente que nos inspira, gente que nos ampara, gente que torce para que façamos o melhor.

* * *

A condição do anjo de guarda depende de nossa posição evolutiva e do que fazemos na Terra. Missionários com nobres tarefas, contam, obviamente, com benfeitores de elevada hierarquia a assessorá-los.

Podemos considerar Chico Xavier um dos grandes missionários de nosso tempo, com uma portentosa obra mediúnica que nos oferece inigualável soma de informações sobre a vida espiritual.

O mentor de Chico é Emmanuel, nobre entidade

cuja sabedoria podemos avaliar examinando os livros de sua autoria, psicografados pelo médium.

Emmanuel já era um Espírito evoluído ao tempo em que Jesus esteve na Terra. No livro "Há Dois Mil Anos" temos notícia de que ele foi o senador Públio Lentulus, Foi também o Padre Damiano, do inesquecível romance "Renúncia". E destacou-se como o Padre Manuel de Nóbrega, fundador da cidade de São Paulo.

O Padre José de Anchieta, companheiro de Nóbrega em suas lides missionárias, guarda uma certa identidade psicológica com Chico Xavier. Há, ainda, sugestiva semelhança física. Seriam ambos o mesmo Espírito?

* * *

Algo fundamental em relação aos anjos de guarda:

Estão perto de nós e nos inspiram na razão direta de nossa ligação com os valores espirituais e inversa de nosso apego aos vícios e paixões da vida material.

Aproximam-se quando cultivamos o bem e a verdade.

Afastam-se quando nos prendemos a interesses rasteiros.

Instrumento de nossa comunhão com eles: a oração.

Em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", quando aborda a prece, Kardec destaca a importância de nos dirigirmos ao nosso mentor espiritual, O

Codificador oferece vários exemplos de orações dessa natureza.

Numa delas diz assim:

"Espíritos bem-amados, anjos guardiães que, com a permissão de Deus, pela sua infinita misericórdia, velais sobre os homens, sede nossos protetores nas provas da vida terrena. Dai-nos força, coragem e resignação; inspirai-nos tudo o que é bom, detende-nos no declive do mal; que a vossa bondosa influência nos penetre a alma; fazei sintamos que um amigo devotado está ao nosso lado, que vê nossos sofrimentos e partilha das nossas alegrias."

Não devemos ver nessa oração uma fórmula verbal, cujo mérito esteja em sua simples enunciação. É um exemplo de como devemos orar, numa conversa íntima em que procuramos os Espíritos amigos, abrindo-lhes nosso coração.

* * *

Para que colhamos plenamente os benefícios do contato com os amigos espirituais não podemos esquecer um detalhe:

É preciso que façamos nossa parte.

Um homem desempregado buscou serviço em inúmeras empresas, ao longo de vários dias.

Esforço inútil. Nada dava certo.

Angustiado ante as privações que entravam em seu lar, orou contrito, implorando a Deus lhe enviasse

um anjo de guarda para ajudá-lo.

Pouco depois, como de costume, dirigiu-se à agência de empregos. De passagem por uma banca de jornais, veio-lhe o impulso de ler os anúncios classificados. Comprou o jornal. Havia uma oferta que não estava bem de acordo com sua qualificação profissional. Não obstante, resolveu tentar.

Conversou com o entrevistador que relutava em aceitá-lo. No entanto, obedecendo um impulso, deu-lhe a chance.

Deu certo. Ele firmou-se na empresa, desenvolveu novas aptidões, resolveu seu problema, constatando que fora a partir da oração que tudo acontecera, como se ela houvesse criado condições para que um Espírito amigo o ajudasse.

No entanto, pouco poderia ser feito se o seu protetor espiritual não contasse com sua iniciativa, já que não seria possível trazer o emprego até ele.

Os Espíritos jamais deixarão de nos ajudar, desde que, ligados a eles pela oração, pelos bons pensamentos, disponhamo-nos a fazer nossa parte.

Isto está bem claro na máxima enfatizada por Kardec, em "O Evangelho Segundo o Espiritismo":

"Ajuda-te que o Céu te ajudará".

A MELHOR AJUDA

Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos?

Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame. (...)

Questão nº 495

O motorista carregou na bebida.

Pesou no pé direito comprimindo o acelerador.

O ônibus ganhou asas.

Os passageiros, assustados, pediam-lhe que reduzisse a velocidade.

Ele, tranqüilo:

- Não se preocupem. Meu santo é forte!

E voava baixo, ziguezagueando por ruas e avenidas.

- Devagar, devagar! Cuidado!

- Calma, gente! Está tudo sob controle. O santo nos protege!

Em pânico, os viajantes começaram a descer, embora sua insistência:

- Fiquem frios! Meu santo não falha!

O coletivo esvaziou-se. Restou derradeiro, heróico passageiro. Segurava-se precariamente ante as freadas bruscas, as curvas fechadas do bólido sobre rodas.

Não resistiu muito tempo. Arrastou-se até o motorista, tocou seus ombros e lhe disse:

- Meu filho, sou seu santo. Também quero descer. Dirigindo assim, nem o Espírito Santo poderá protegê-lo.

E seguiu solitário o "pé de chumbo", que acabou esborrachando-se num espetacular acidente que destruiu o ônibus e o transferiu extemporaneamente para o além.

* * *

Determina o bom senso que o pai, após alertar inutilmente o filho quanto aos seus enganos, deixe-o seguir pelos caminhos tortuosos que escolheu, a fim de que aprenda com seus próprios erros.

Algo semelhante ocorre com nossos mentores espirituais quando nos comprometemos com vícios e desatinos, fazendo ouvidos moucos à sua inspiração.

Então nossa vida complica-se, porquanto é graças à ajuda espiritual que, em múltiplas circunstâncias, problemas são resolvidos, dores são amenizadas, males

são superados, influências nocivas são neutralizadas.

Há um exemplo sugestivo envolvendo o passe magnético.

No livro "Missionários da Luz", psicografia de Francisco Cândido Xavier, o Espírito André Luiz informa que muitos de nossos problemas físicos e psíquicos decorrem de intoxicações espirituais. Estas se acumulam a partir de vícios e desregramentos, pensamentos infelizes e sentimentos desajustantes.

O passe atua como poderoso elemento de higienização psíquica que nos alivia amenizando males e acalmando inquietações.

A eficiência do passe não depende apenas da capacidade do passista ou da receptividade do paciente. Imperiosa a presença de benfeitores espirituais que direcionem e potencializem os fluidos.

Os efeitos serão efêmeros se o paciente não modificar seu comportamento, da mesma forma que é ocioso socorrer o alcoólatra se ele não desenvolve um esforço mínimo por manter-se sóbrio.

Assim, segundo André Luiz, os amigos invisíveis estabelecem um limite para o atendimento espiritual durante o passe.

Que número seria razoável, leitor amigo?

Duas vezes, talvez três? Ou cinco?

A generosidade deles vai mais longe.

Por dez vezes atendem o paciente.

Se este insiste em destemperos emocionais e

físicos que geram seus males, cessa o auxílio mais efetivo.

É quando o paciente reclama:

- O passe era uma beleza, como um banho de saúde. Sentia-me leve, tranqüilo... Ultimamente não funciona. Será que o Centro perdeu a força?

* * *

Assim como pouco podem fazer os protetores espirituais em favor de tutelados que não se ajudam, em relação às lutas da existência, não há porque ajudar àqueles que se prejudicam voluntariamente.

Se dirijo um automóvel de forma imprudente, meu mentor não irá no pára-choque fazendo malabarismos para proteger-me.

E o funcionário relapso, que chega atrasado, que não cumpre suas obrigações, que não se dedica ao trabalho? Irá seu protetor sugerir condescendência ao patrão para que não o demita, se é o que merece?

Na atualidade há quem eleja o roubo por profissão. Isto em todos os níveis, do estelionato ao assalto à mão armada. Uma atividade, digamos, de "alta periculosidade". E que poderá o guia espiritual fazer por esses transviados pupilos senão inspirar a polícia para que os prenda, evitando que se comprometam mais acentualmente?

Respeitável chefe de família envolve-se numa aventura extraconjugal. Imaginemo-lo em oração:

- Ah! Meu protetor querido! Sou casado com uma

santa mulher, mas a outra é especial. Não saberia viver sem ela. Por favor, ajude minha esposa. Não quero que sofra...

- "Svergognate" - diria minha avó italiana.

* * *

Confortador, maravilhoso saber que "lá em cima" há amigos generosos dispostos a nos acompanhar e proteger. Devemos buscá-los sempre, em oração, aprendendo a ouvir, na intimidade do coração, sua orientação preciosa.

Consideremos, entretanto, que eles não são babás a satisfazer nossos caprichos ou prestigiar nossos desatinos.

Quando isso acontece, a melhor ajuda que podem dar é não dar ajuda nenhuma.

...the first of these is the fact that the
...the first of these is the fact that the
...the first of these is the fact that the

...the first of these is the fact that the
...the first of these is the fact that the
...the first of these is the fact that the

...the first of these is the fact that the
...the first of these is the fact that the
...the first of these is the fact that the

...the first of these is the fact that the
...the first of these is the fact that the
...the first of these is the fact that the

MALES ENCOMENDADOS

Pode um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe seja dedicado, fazer mal ao seu próximo?

Não; Deus não o permitiria.

Questão nº 551

Há pessoas que reclamam do chamado “malfeito”. Por ignorado motivo haveria alguém interessado em sua desdita. Estariam sendo exercitados sortilégios para a evocação de entidades das sombras, com o propósito de causar-lhes embaraços variados, relacionados com família, negócios, saúde...

A experiência demonstra que isso pode acontecer. Há Espíritos que se especializam em influenciar as criaturas humanas, atormentando-as, atuando “por encomenda”.

Se você, leitor amigo, traz indeléveis temores relacionados com essa presença, saiba que não está sozinho. Multidões tremem quando essa possibilidade é mencionada para explicar a origem de seus problemas.

Mas considere algo fundamental:

Os agentes das sombras não têm o poder de criar o mal. Apenas o alimentam.

Isso significa que ninguém pode ser atingido pelo mal senão por intermédio do mal que há em si mesmo.

Jamais seremos induzidos à violência se conquistamos a mansuetude.

Nem ao vício, se legitimamente virtuosos.

Nem ao roubo, se não houver espaço para a cobiça em nosso universo interior.

* * *

Respeitável chefe de família assume estranho comportamento.

Demora-se fora do lar, alegando compromissos profissionais. Torna-se monossilábico e distante. Situa-se inquieto e agressivo.

- Nessa história tem mulher - comentam familiares e amigos.

Observação acertada.

Envolveu-se com uma jovem bela e volúvel que o seduziu. Pretende afastá-lo do lar. Não mede esforços para isso. Chegou a contratar um "despachante do além", um médium habituado a evocar Espíritos para empreitadas menos dignas. Foi acertado que o alvo seria "amarrado" num enleio passional.

Iniciativas dessa natureza estão presentes no dia-a-dia de muitas pessoas. A irresponsabilidade sustentada pelo egoísmo tem alcance ilimitado. Quem cultiva a

paixão por si mesmo não mede as conseqüências de seus desmandos, dos prejuízos que causa a outras pessoas. Interessa-lhe simplesmente a satisfação de seus caprichos.

A jovem não está nem um pouco preocupada com o fato de que, atingindo seu objetivo, destruirá um casamento, traumatizando crianças e infelicitando uma esposa.

Pensa nela mesma, na satisfação e nos benefícios que possa colher naquela relação indigna.

- Que se dane o resto! - proclama indiferente.

* * *

O chefe de família foi envolvido, mas nem a jovem, nem o médium, nem o Espírito evocado exerceram influência irresistível.

Ele não agiu por compulsão. Simplesmente lhe sugeriram a ligação, criando em sua tela mental imagens licenciosas que acolheu sem constrangimento.

Resumindo:

Não criaram o adultério. Apenas exploraram sua tendência à infidelidade.

Imaginemos alguém à beira de um precipício. Nenhum Espírito vai jogá-lo no abismo. Mas poderá sugerir:

- Salte! Veja como é bom! Você experimentará a sensação de voar ! Um prazer indescritível!

Muitos, aceitando convites assim, mergulham em

paixões e viciações. Experimentam, efemeramente, prazeres e alegrias, nos domínios das sensações. Invariavelmente, entretanto, “esborracham-se” no fundo do abismo, comprometidos em renitentes perturbações e angústias que lhes amarguram a existência.

* * *

Jesus nos legou a fórmula perfeita para evitar o envolvimento com o mal:

- “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação”

É preciso exercitar perene vigilância, não do próximo, mas de nós mesmos. Vigiar nossos impulsos, as idéias que surgem em nossa mente, nossos desejos, tendo por parâmetro a moral evangélica que nos oferece o roteiro ideal para uma existência equilibrada e feliz.

O que cogitamos é compatível com o Evangelho?

Se a resposta for negativa, detenhamo-nos imediatamente em oração, rogando a Deus forças para resistir à tentação.

E Deus, que criou o Bem, nos ajudará para que ninguém, aqui ou no além, induza-nos a fazer o que não deve ser feito.

* * *

Há outro ângulo importante no exemplo citado:
A esposa.

Não foi ela agredida em sua sensibilidade? Não estará sujeita a uma série de problemas físicos e psíquicos,

em face da injúria de que foi vítima?

Não poderíamos dizer que lhe fizeram muito mal?

Aparentemente, sim.

Sob a óptica espiritual, onde está a realidade, podemos considerar que há sempre um componente cármico em nossas dores.

O que nos parece um grande mal pode ser apenas o resgate de débitos relacionados com o passado.

Quem sabe terá ela própria destruído lares alheios, em existências anteriores?

Ninguém sofre injustamente.

Mal legítimo, por isso, é o que fazemos de errado, contrariando as leis divinas, com o que contraímos pesados débitos.

O que fazem contra nós, impondo-nos sofrimentos, converte-se em crédito no resgate de nossas dívidas, se bem administrado.

* * *

Normalmente, numa situação dessa natureza, a esposa deixa-se dominar pelo ódio. Pensa em matar o marido. Matar a intrusa. Matar-se. Exige satisfações. Briga. Exaspera-se. Arma escândalo.

Sobretudo, sente-se profundamente infeliz. Entra em estado de angústia e ansiedade. Desorienta-se. Fica doente.

Reação muito humana, mas nela está a origem de seus desajustes. Faltou-lhe a mesma iniciativa que teria

preservado o marido:

Consultar o Evangelho.

O que recomenda Jesus ante os males que nos façam?

Todos sabemos. Está contido em pequeno verbo de grandioso alcance:

Perdoar.

* * *

O perdão legítimo é filho da compreensão. Fundamental à esposa:

Compreender que a jovem leviana que feriu de morte seu casamento agiu sob inspiração da imaturidade, envolvida pelas sombras.

Compreender, como dizia sabiamente antiga lidadora espírita, que para preservar a própria integridade é preciso, em situações assim, ver no cônjuge um filho transviado, vitimado pelas próprias fraquezas.

Compreender que se não relevamos e seguimos adiante, atinge-nos em plenitude o mal que nos endereçam, como fogo a propagar-se em tecido encharcado de gasolina.

RECURSOS MÁGICOS

Que efeito podem produzir as fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendem dispor do concurso dos Espíritos?

O efeito de torná-las ridículas, se procedem de boa fé. No caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são mera charlatanaria. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.

Questão nº 553

Há uma tendência profundamente arraigada em todas as culturas: atribuir poderes mágicos a objetos e palavras cabalísticas, com o propósito de atrair ou afastar forças espirituais.

Essas práticas confundem-se com atividades religiosas em maior ou menor extensão, na proporção inversa do nível cultural.

Daí sua larga utilização por povos primitivos, em

cujo seio predomina a figura do feiticeiro, que se apresenta como mestre no assunto, doutorado em sortilégios.

* * *

Infelizmente, não obstante a clareza em que se expressa o Espiritismo, o mais veemente apelo à racionalidade nos domínios da crença, muitos Centros Espíritas, descuidando-se do estudo, enveredam por caminhos mágicos sustentados por velhas superstições.

Há os que recomendam a aplicação de defumações no lar.

Consiste em queimar determinadas ervas que produzem densa e cheirosa fumaça, com o objetivo de depurar o ambiente e afastar os maus Espíritos.

Talvez afugente pernilongos...

Quanto aos invasores invisíveis, não há nenhuma repercussão. Habitam outra dimensão. A fumaceira poderá, isto sim, informá-los de que naquela casa há gente supersticiosa, facilmente influenciável.

* * *

Recomenda-se, também, o banho de defesa.

Em princípio qualquer banho é salutar, revigorante. Favorece até o relacionamento social, por óbvio motivo.

Um banho de imersão, com determinadas ervas ou um pouco de sal grosso, é relaxante e pode apresentar

resultados terapêuticos.

Os benefícios param aí.

Não existe couraça invisível erguida por qualquer tipo de banho, por mais “defensivo” seja anunciado, capaz de nos preservar de influências espirituais inferiores.

* * *

O movimento cristão, não obstante a simplicidade dos ensinamentos de Jesus, envolveu-se, principalmente na Idade Média, com recursos mágicos.

Alguns eram espantosos, como as relíquias.

Esse o nome que se dava aos objetos de uso pessoal dos santos ou parte de seu próprio corpo - ossos, cabelos, dentes...

As relíquias eram vendidas a peso de ouro. Apregoava-se que resguardavam seus portadores de influências malignas.

Se o santo desfrutava de boa cotação na bolsa dos valores espirituais, suas relíquias podiam até favorecer o trânsito de almas do purgatório para o paraíso.

Como era impossível determinar sua autenticidade, circulavam incontáveis fragmentos da cruz em que Jesus foi sacrificado, pedaços de pão da última ceia, retalhos das vestes dos apóstolos, em desavergonhado comércio.

* * *

Outro exemplo marcante: a cruz.

Em princípio era o símbolo glorioso do sacrifício de Jesus em favor da humanidade. Depois transformou-se em amuleto mágico.

Há quem se sinta desamparado se não guardar uma miniatura pendente no pescoço ou fixada na parede, em casa.

Os exorcistas usam a cruz, exibindo-a aos endemoninhados, com a famosa expressão latina: “vade retro, satane”.

O mágico poder aparece em fantasias relacionadas com vampiros, seres fantásticos que se alimentam de sangue humano.

Obrigatoriamente o caça-vampiros deve empunhar uma cruz. O sinistro agente do mal não resiste aos seus eflúvios.

Vi certa feita uma comédia cinematográfica que abordava o tema. Em dado momento o herói, tremendo de pavor diante do vampiro, mostrou-lhe a cruz.

O maligno deu uma gargalhada, evidenciando que não fora afetado.

- O que houve? Por que não funcionou? - perguntou, atarantado.

E o vampiro, a sorrir tranqüilo:

- É preciso ter fé.

* * *

A resposta do vilão diz tudo.

É tudo uma questão de fé.

Se guardamos convicção de que defumações, banhos de defesa, cruzes e quejandos são recursos mágicos que nos protegem, estaremos potencializando forças anímicas que nos resguardarão.

Proteção precária, vulnerável. Pior: proteção que experimentará desgastes com o uso.

Melhor erguermos nossas defesas sobre alicerces mais sólidos, a partir da observação basilar de Kardec:

“Fé inabalável só é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

Nos livros da Codificação e nas obras complementares da Doutrina Espírita temos o roteiro seguro para que jamais se abale a nossa fé.

* * *

Um cuidado indispensável:

Não façamos do livro espírita um amuleto que devemos ler eventualmente, quando desejamos neutralizar influências más; nem imaginemos que se possa avaliar cultura espírita pela metragem de livros relegados à condição de enfeites em nossa biblioteca.

Isso me lembra um amigo evangélico que possuía uma cultura bíblica axilar. Estava sempre com a Bíblia debaixo do braço quando ia à igreja, sustentando o jogo das aparências.

Livro fechado, conhecimento aprisionado.

De nada nos servirão os livros espíritas se não os

compulsarmos diuturnamente, com regularidade de quem procura alimento.

Assim cultivaremos a divina magia do saber, que nos libertará de temores e superstições, como ensinava Jesus.

O DOM DE CURAR

Têm algumas pessoas, verdadeiramente, o poder de curar pelo simples contato?

A força magnética pode chegar até aí, quando secundada pela pureza de sentimentos e por um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. Cumpre, porém, desconfiar da maneira pela qual contam as coisas pessoas muito crédulas e muito entusiastas, sempre dispostas a considerar maravilhoso o que há de mais simples e mais natural. Importa desconfiar também das narrativas interesseiras, que costumam fazer os que exploram, em seu proveito, a credulidade alheia.

Questão nº 556

A dor é o mais eloqüente chamamento.

Conduz mais gente ao Espiritismo do que a beleza e sublimidade de seus conceitos.

Pessoas que se recusam ao contato com a Doutrina, por desinformação, preconceito ou medo do "sobrenatural", acabam por aproximar-se, dispostas a

enfrentar o “desconhecido” para eliminar padecimentos físicos e psíquicos que resistem aos mais sofisticados cuidados médicos.

Equivocam-se.

O Espiritismo não se sobrepõe às leis naturais nem cultua mistérios.

Ocorre exatamente o oposto.

Não há filosofia ou religião tão compromissada com a lógica e a clareza, assentando-se sobre bases científicas, como está explicitado em “O Livro dos Médiuns”.

* * *

Não vai longe o dia em que a ciência humana captará sinais de civilizações extraterrestres, o que nenhuma pessoa dotada de um mínimo de bom senso considerará sobrenatural.

A ciência espírita antecipa-se, demonstrando que podemos entrar em contato com uma civilização extrafísica, na dimensão espiritual, para onde nos transportaremos todos, quando despídos da casca de matéria densa, quais crisálidas metamorfoseadas em borboletas para o vôo além-túmulo.

Esse intercâmbio é exercitado com o concurso de indivíduos dotados de sensibilidade adequada, que funcionam como receptores psíquicos.

Em breve o contato com o mundo espiritual será aperfeiçoado e ampliado com a utilização de sofisticados

equipamentos eletrônicos, como ocorre precariamente, na atualidade, em experiências com a Transcomunicação Instrumental.

* * *

O chamado tratamento espiritual, sempre presente no Centro Espírita, fundamenta-se nos princípios do magnetismo, uma energia própria dos seres vivos, que pode ser usada com finalidades terapêuticas, como definiu Franz Anton Mesmer, médico alemão do século XVIII.

Inerente ao homem, essa faculdade não é privilégio dos espíritas. Sem que disso tenhamos consciência, muitas vezes ajudamos pessoas de nosso relacionamento, oferecendo-lhes algo de nossas vibrações magnéticas.

Assim o fazem:

A mãe que acalenta o filho inquieto...

A benzedeira que atende à criança...

O professor que ministra aulas inspirado no ideal de ensinar...

O homem de moral ilibada que com palavras suaves acalma indivíduos possuídos por impulsos de agressividade...

O médico dedicado que faz plantão junto ao enfermo grave, preocupado com sua situação...

Estão todos exteriorizando recursos magnéticos, a envolver beneficentemente aqueles que motivam suas

preocupações e iniciativas.

* * *

O magnetizador aplica *passes*, um movimento ou imposição das mãos sobre o paciente, com o propósito de doar-lhe magnetismo. Daí usar-se a expressão *passista* para aqueles que exercitam essa função.

Tanto mais eficiente será a ação do passe, quanto maior o empenho do passista em submeter-se às disciplinas inerentes a esse serviço, com destaque para a pureza de sentimentos e o desejo de servir.

O exemplo maior das potencialidades do magnetismo está em Jesus. Com simples palavras ou o toque das mãos o Mestre operava prodígios.

- Senhor, se quiseres, podes purificar-me - implora o leproso (Mateus, 8:2-3).

- Quero, fica limpo! - proclama Jesus, tocando-o levemente.

Instantaneamente desaparece o mal, sem deixar marcas.

A atuação de Jesus era considerada milagrosa porque desconhecia-se as propriedades do magnetismo. Se fosse possível viajar numa máquina do tempo e levar antibióticos para os cenários evangélicos, seus efeitos também seriam tomados à conta de milagres.

Jesus ensinava que seus seguidores poderiam fazer tanto quanto ele. Embora distanciados de seus poderes, homens de boa vontade, inspirados e assistidos

por benfeitores espirituais podem realizar curas prodigiosas, o que se verifica freqüentemente no Centro Espírita, favorecendo enfermos do corpo e da alma.

* * *

Quem pretenda os benefícios do passe deve observar alguns cuidados.

Destaque-se a gratuidade do serviço.

“De graça recebestes, de graça deveis dar”, adverte Jesus (Mateus, 10-8).

O dom de curar é uma dádiva do Céu que não deve ser comercializada. Kardec deixa isso bem claro no capítulo XXVI, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, ao comentar a observação de Jesus.

Pessoas que cobram por seus serviços ou estimam receber recompensas na aplicação do magnetismo, não são espíritas, ainda que assim se apresentem.

Mal inspiradas, ligam-se a influências espirituais inferiores que comprometem seu trabalho, mesmo quando dotadas de apreciável potencial magnético.

* * *

Outro aspecto importante:

Os resultados do tratamento magnético estão condicionados ao merecimento dos beneficiários.

Mais recebe aquele que mais se esforça em melhorar-se, porquanto a maior parte dos problemas que nos afligem estão relacionados com nossa maneira de

ser e agir.

Por isso esse serviço, em Centros Espíritas bem orientados, é sempre precedido de palestras doutrinárias, onde se oferece uma visão dos problemas humanos à luz do Espiritismo.

Com o passe magnético cuidamos dos efeitos - doenças, desajustes nervosos, desequilíbrios emocionais...

Com a orientação espírita habilitamo-nos a eliminar as causas - nossas mazelas.

* * *

Detalhe a considerar: o preparo para o passe.

Um companheiro perguntou a alguém que chegava ao Centro:

- Vai à reunião?

- Sim.

- Está terminando...

- Não tem importância. Vim para o passe.

Paciente desavisado. Comporta-se como alguém que faz uso de um medicamento sem observar a prescrição.

O passe é a culminância de um processo de ajuda espiritual que se inicia no momento em que o interessado entra no recinto de reuniões.

Tão logo se acomode na poltrona será auscultado e atendido por benfeitores espirituais.

Favoreceremos sua ação com a observância de

normas simples:

- Pontualidade. Chegar antes do início da reunião.

- Silêncio. Aproveitar esses minutos para a leitura de mensagens que normalmente são distribuídas, cultivando reflexão.

- Atenção. Empenhar-se por entender e fixar a conceituação dos expositores.

- Sintonia. Buscar, com o cultivo da oração, a ligação com os mentores espirituais que presidem o atendimento magnético, enquanto aguarda sua vez, ao iniciar-se o serviço.

E quando estiver junto ao passista, conscientizar-se de que vai receber bênçãos de ajuda mobilizadas pela Espiritualidade, mas a plena assimilação dependerá de sua postura mental, a exprimir-se em pensamento contrito e confiante.

Nunca será demais lembrar que Jesus costumava dispensar os beneficiários de suas curas, dizendo:

- A tua fé te salvou.

A cura pode ser o prêmio da fé.

Imperioso reconhecer, no entanto, que é preciso algo mais, a fim de que não retorne o mal que nos aflige.

Por isso Jesus também dizia:

- Não peques mais para que te não suceda pior.

BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES

Podem a bênção e a maldição atrair o bem e o mal para aquele sobre quem são lançadas?

Deus não escuta a maldição injusta e culpado perante Ele se torna o que a profere. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode a maldição exercer momentaneamente influência, mesmo sobre a matéria. Tal influência, porém, só se verifica por vontade de Deus como aumento da prova para aquele que é dela objeto. Demais, o que é comum é serem amaldiçoados os maus e abençoados os bons. Jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.

Questão nº 557

Em ternas lembranças de infância, a carinhosa saudação:

- Bença, pai...
- Deus o abençoe, filho.

- Bença, mãe...

- Deus o abençoe, filho.

Os tempos mudaram.

Hoje, se o filho for orientado a respeito, certamente refugará:

- "Qualé", ô coroa! Que caretice é essa?!

Por outro lado, o indigitado coroa, antigamente chamado pai, provavelmente sentir-se-ia constrangido se instado a abençoar, como se fosse algo vergonhosamente arcaico.

Há até quem julgue ocioso fazê-lo. Considera-se que os cuidados de Deus com nossos filhos independem de nossas solicitações.

Certamente pessoas que assim pensam não oram. Por extensão devem considerar que não há por que evocar a presença do Criador se ele está presente em toda a criação.

* * *

O ato de abençoar implica em desejar o bem de alguém.

Assim como a oração, o alcance da bênção depende de nosso envolvimento com ela, dos sentimentos que mobilizamos.

O pai que, displicentemente, abençoa o filho, sem desviar a atenção do programa de televisão, não vai além das palavras.

Já a mãe diligente, que leva a criança ao leito,

conversa com ela, conta-lhe uma história e a beija carinhosamente, põe a própria alma ao abençoá-la, envolvendo-a em poderosas vibrações de amor, com salutar repercussão em seu psiquismo.

* * *

Ao contrário da bênção, amaldiçoar é desejar o mal de alguém.

“Que vajas bien, que te pise el tren.”

O fato de desejarmos que uma pessoa seja atropelada por um trem, como sugere este chistoso ditado espanhol, não implicará, evidentemente, nesse funesto acontecimento.

Não possuímos poderes para tanto, nem Deus o permitiria.

Mas podemos perturbar nosso desafeto.

À semelhança da bênção, a maldição é um pensamento contundente, revestido de carga magnética deletéria, passível de provocar-lhe reações adversas, como nervosismo, tensão, irritabilidade, mal-estar.

Se, porém, o amaldiçoado é uma pessoa bem ajustada, moral ilibada, idéias positivas, sentimentos nobres, nada lhe acontecerá. Simplesmente não haverá receptividade para nossa vibração maldosa.

* * *

O mesmo ocorre em relação ao ato de abençoar.

Os pais desejam muitas bênçãos para seu filhos.

Que sigam caminhos retos...

Que sejam aprendizes aplicados...

Que se realizem profissionalmente.

Que cultivem moral elevada.

Que sejam felizes...

Ainda que se situem por poderosos estímulos, suas bênçãos pouco representarão se os filhos preferirem caminhos diferentes.

Nem por isso devem deixar de abençoá-los.

Suas bênçãos inibirão os impulsos mais desajustados dos filhos, trabalharão suas consciências adormecidas e acabarão por despertar neles incontidos impulsos de renovação, quando a vida lhes impuser suas amargas lições.

* * *

Bênçãos e maldições são como bumerangues, aqueles brinquedos australianos, em forma de arco, que retornam às nossas mãos quando os atiramos.

Se amaldiçoamos alguém, odientos, o mal que lhe desejamos volta invariavelmente para nós, precipitando-nos em perturbações e desequilíbrios. Somos vitimados por nosso próprio veneno.

Em contrapartida, aquele que abençoa alimenta-se de bênçãos, neutralizando até mesmo vibrações negativas de eventuais desafetos da Terra ou do além.

Jesus conhecia como ninguém esses princípios.

Por isso, antecipando que os discípulos

enfrentariam muitas hostilidades na difusão do Evangelho, recomendava-lhes:

“Quando entrardes numa casa, dizei:

- A paz esteja neste lar.

Se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz.”

Temos aqui uma preciosa orientação.

Observando-a, ainda que, onde formos, as pessoas estejam pouco dispostas a entronizar a paz, ela não se ausentará de nosso coração.

* * *

Certamente, em inúmeras circunstâncias, inspiramos antipatia em pessoas que cruzam nosso caminho.

Impossível agradar a todos.

Nem Jesus, o Espírito mais puro que passou pela Terra, alcançou semelhante unanimidade.

Tudo o que podemos desejar é que isso jamais ocorra em função de uma omissão ou iniciativa infeliz de nossa parte.

Há, a respeito, uma experiência valiosa, envolvendo o médium Francisco Cândido Xavier.

Conta Ramiro Gama, em “Lindos Casos de Chico Xavier”, que certa feita o médium caminhava apressado, rumo ao emprego. Estava atrasadíssimo.

Uma senhora, dona Alice, esperava por ele no

portão de sua casa. Tentou detê-lo para pedir-lhe explicação sobre um medicamento homeopático receitado pelo Dr. Bezerra de Menezes.

Chico não chegou a parar. Desculpou-se e apertou o passo.

Foi detido por Emmanuel, seu mentor espiritual, que lhe recomendou voltasse. Perderia apenas alguns minutos que não iriam prejudicá-lo.

Humilde, o médium cumpriu a determinação.

Paciente, dirimiu as dúvidas de dona Alice e partiu.

Emmanuel apareceu novamente. Fê-lo parar alguns metros adiante e recomendou-lhe que olhasse para trás.

Chico viu uma massa branca de fluidos luminosos saindo dos lábios da consulente, que lhe dizia:

“Obrigada, Chico. Deus lhe pague! Vá com Deus.”

E Emmanuel completa:

“Viu, Chico, o resultado que obtemos quando somos serviçais, quando possibilitamos a alegria cristã aos nossos irmãos. Imagine se, ao invés de “vá com Deus” dissesse magoada, “vá com o diabo”. Dos seus lábios estariam saindo coisas diferentes, cinzas, algo pior...”

* * *

Nem sempre os beneficiários de nossas iniciativas, quando cultuamos a vocação de servir, mostram-se

reconhecidos.

Que isso jamais nos iniba.

O ato de servir tem suas próprias compensações.

Exercitando-o, a distribuir bênçãos de auxílio,
habilitamo-nos às bênçãos de Deus.

O QUE CAMÕES PEDIRIA

Alguma outra coisa incumbe aos Espíritos fazer, que não seja melhorarem-se pessoalmente? Concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, cujos ministros eles são. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não há a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades.

Questão nº 558

Desde priscas eras, sempre que cogitou da imortalidade o Homem imaginou a morte como um tribunal onde seria julgado por seus atos, habilitando-se a tormentos ou bem-aventuranças, de conformidade com o bem ou o mal que houvesse prevalecido em seu comportamento.

Na Idade Média incrustou-se no pensamento cristão a doutrina das penas eternas. O indivíduo que morresse em estado de pecado, comprometido com o erro, iria irremediavelmente para o inferno, uma penitenciária do além, diante da qual as piores da Terra

pareceriam aprazíveis recantos de paz.

Ali, além do confinamento irremissível, a presença terrível dos demônios, sádicos carcereiros a exercitar incansavelmente o prazer de atormentar os condenados.

A justificativa para esse comportamento exprime um monumental erro teológico. O demônio, criado para o Bem como todos os filhos de Deus, rebelou-se, organizando o império do mal. Os súditos seriam as almas dos mortos, infelizes Espíritos renegados pelo Criador por aceitarem suas insidiosas sugestões.

Que teria sido feito da onipotência divina, incapaz de reconduzir o demônio ao Bem ou de evitar que comprometesse suas vítimas com o mal ?

Onde a justiça num castigo sem remissão?

Onde a misericórdia nessa história de horror eterno?

Como conceber o amor divino incapaz de descerrar as portas do inferno?

* * *

Por outro lado, os que morressem em estado de graça, reconciliados com Deus pelo cultivo da fé e a aceitação dos sacramentos, iriam para um paraíso celeste, desfrutando de beatífico descanso eterno. Ali a realização do sonho supremo dos indolentes: férias para sempre.

Uma demonstração perfeita de como essa idéia estava impregnada no pensamento cristão, refletindo-se

na arte medieval, está no famoso Soneto XIX, de Camões:

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu, eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te;*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo daqui me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

O Espiritismo desfaz essas fantasias.

Embora possamos situar a morte como um balanço existencial, a definir nossa posição na Espiritualidade, não há penas irremissíveis e muito menos perene repouso.

Eterno é o toque de Deus em nós, exprimindo-se em nossa perfectibilidade, o impulso de evoluir sempre, descortinando horizontes nos caminhos da perfeição.

A imanência divina manifesta-se inexoravelmente como indefinível insatisfação nos Espíritos em estágios medianos de evolução, corporificando-se em gloriosos ideais, na medida em que desdobram experiências e adquirem conhecimentos, na sucessão dos séculos sem fim.

Os que sonham com um céu de beatitude contemplativa verificarão, quando chegar sua hora, o equívoco em que incorreram. A vida além-túmulo é estuante, com labores e responsabilidades que se ampliam proporcionalmente à evolução do Espírito.

Cumpra-se a dinâmica do Universo, presente desde as manifestações primitivas de vida às mais altas expressões de espiritualidade. Do verme, que nas profundezas do solo o fertiliza, aos mundos que se equilibram no espaço.

* * *

André Luiz, o apreciado médico desencarnado que se manifesta pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, oferece-nos uma visão bem objetiva dessa realidade.

Mostra-nos o Plano Espiritual, nas regiões próximas à Terra, com vida semelhante à nossa. Ali os Espíritos com maturidade para habitar cidades como "Nosso Lar", que ele descreve em obra homônima, identificam-se num compromisso comum: trabalho.

Importante destacar que não há privilégios,

mordomias, apadrinhamentos, típicos das sociedades terrestres. Cada Espírito situa-se numa atividade compatível com seu merecimento.

O mesmo princípio se estende às esferas mais altas, onde há Espíritos que cumprem grandiosas tarefas.

Jesus é o exemplo maior.

Segundo Emmanuel, no livro "A Caminho da Luz", psicografia de Chico Xavier, ele é o governador de nosso planeta, com a missão de conduzir os Espíritos que aqui evoluem, encarnados e desencarnados, desde os primitivos que ensaiam a razão aos gênios tutelares que atuam como seus prepostos.

Nesse processo, qualquer benefício colhido será sempre fruto do trabalho, do esforço pessoal, na vigência plena do princípio evangélico: "A cada um segundo suas obras".

* * *

O conhecimento dessa realidade nos oferece muita segurança e estímulo para o aprimoramento espiritual, moral e intelectual, conscientes de que nosso futuro será sempre a conseqüência do que estamos fazendo no presente.

Uma senhora de setenta e dois anos estava aprendendo a tocar piano. Perguntaram-lhe se julgava razoável aquele esforço. Afinal, restava-lhe pouco tempo. Não desfrutaria do aprendizado.

Ela respondeu:

- Penso diferente. Não só alegre meu presente com uma atividade que me é muito grata, como preparo meu futuro. Regressarei à pátria espiritual com noções de música que enriquecerão meus patrimônios artísticos. Estou longe da pureza necessária para tocar harpa com os anjos, mas sempre haverá um piano para mim...

* * *

Onde quer que estejamos, encarnados ou desencarnados, nossa realização como filhos de Deus subordina-se ao empenho de sintonia com a harmonia universal, a partir da mobilização de nossas potencialidades criadoras.

Se Camões estivesse consciente dessa realidade jamais suporia sua amada em beatitude eterna.

E tudo o que haveria de lhe pedir seria que o ajudasse a lutar contra suas imperfeições, aprimorando-se moral e espiritualmente.

Assim, quando chegasse sua hora, mais cedo ou mais tarde, segundo os desígnios divinos, poderiam seguir juntos, identificados nos mesmos propósitos de aprender sempre mais e servir sempre melhor.

UMA ÚNICA PERGUNTA

Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados? Em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais. As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão como o que governa ou o que instrui. Tudo em a Natureza se encadeia. Ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, dessa forma, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem neste mundo a sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade.

Questão nº 573

Missionário é quem assume uma missão.

Tanto pode ser a de governar um povo quanto a de entregar uma mensagem.

Em seu sentido mais nobre, missionário é aquele que faz algo em favor do bem comum:

Missões podem ser definidas a partir de cuidadoso planejamento na Espiritualidade, envolvendo Espíritos

que reencarnam para impulsionar o progresso humano.

Missionários da Religião: Buda, Isaías, Moisés, Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá.

Missionários da Ciência: Edison, Einstein, Galileu, Newton, Lavoisier...

Missionários das Artes: Mozart, Rafael, Leonardo da Vinci, Bach, Beethoven...

Missionários da Filosofia: Sócrates, Platão, Aristóteles, Espinosa, Emerson...

Missionários da Medicina: Hahnemann, Sabin, Pasteur, Hipócrates, Galeno...

Todos vieram com valiosa bagagem de experiências que lhes permitiram caminhar adiante de seu tempo, favorecendo importantes conquistas para a Humanidade.

* * *

Há, também, missões menores, envolvendo os homens em geral, a partir de planejamento reencarnatório ou de iniciativa vinculada ao exercício do livre-arbítrio na Terra.

Já pensou nisso, amigo leitor?

Qual a sua missão?

Que compromissos terá assumido?

Eles costumam martelar nossa mente, na forma de indefiníveis impulsos existenciais.

A profissão é um exemplo típico.

A atividade que desenvolvemos em favor de

nosso sustento situa-se por labor missionário na medida em que a encaramos como precioso ensejo de promover a ordem, a justiça, a união, a solidariedade, a cooperação, valores que enriquecem a vida onde são cultivados.

Profissões há que por sua natureza situam-se por glorioso ministério.

O médico é o missionário da saúde, este dom precioso que permite pleno aproveitamento das oportunidades de edificação da jornada humana.

O professor é o missionário do conhecimento, ajudando os pupilos na conquista dos valores intelectuais e culturais que lhes permitirão uma participação produtiva na vida social.

Mesmo as tarefas mais simples podem ser excelentes missões, quando desempenhadas com consciência de responsabilidade e disposição de servir.

Em viagem encontro frequentemente nas rodovias caminhoneiros atenciosos que sinalizam aproximações seguras e procuram faixas de acostamento facilitando a ultrapassagem em trechos de muito movimento.

Lembro-me de um caminhoneiro que ganhou prêmio especial de reconhecimento público pelo seu desempenho nas estradas. Durante muitos anos socorreu pessoas acidentadas e motoristas em dificuldade, situando-se por valoroso missionário das estradas.

Uma enfermeira dedicada, um bancário atencioso, um comerciante prestativo, um diligente

funcionário de limpeza, são todos missionários do bem-estar social. É muito bom conviver com gente assim.

* * *

E quanto à paternidade?

Haverá missão mais nobre que a de proteger, amparar e encaminhar os filhos que a bondade divina confia aos nossos cuidados?

Uma única geração seria suficiente para mudar radicalmente a Terra, povoando-a de homens melhores se os pais cumprissem a missão de orientá-los adequadamente, com aplicação do currículo ideal - o exemplo.

Não obstante suas limitações, não seria difícil se os pais assumissem a vida que lhes é confiada na pessoa do filho, para fazê-la florescer.

- Árdua missão - dizia um amigo.

E, suspirando:

- Os filhos exigem muito de nós. Pesa-me tal responsabilidade.

Talvez pese. Depende de como a encaramos.

A garota levava nos braços uma criança de dois anos.

Alguém lhe perguntou:

- Muito pesado, menina?

- De modo algum - respondeu prontamente.

E, cheia de satisfação:

- É meu irmão!

Só nos pesam os filhos que não assumimos, como quem recusa um membro postiço.

Não há sacrifício se vemos os filhos como extensões de nós mesmos.

* * *

Jesus, o maior missionário que transitou pelo nosso planeta, veio instituir os fundamentos do Reino de Deus, que poderíamos definir como a realização do Bem no coração humano.

Há dois mil anos o Mestre espera pela colaboração dos homens em favor dessa divina edificação, cujos alicerces estão contidos na excelência de suas lições e na grandeza de seus exemplos.

Que tal, leitor amigo, se nos dispuséssemos a encarar essa missão:

Ajudar na construção do Reino!

Não se julga capaz?

Claro que é!

Todos podemos ser missionários do Cristo.

Não há grandes exigências para o serviço.

Você não precisa ser rico, nem poderoso, nem intelectualizado, nem universitário, nem detentor de títulos de nobreza, nem desfrutar de destacada posição social, nem dos privilégios de uma função.

Há uma única condição:

Disposição de servir.

Missionários do Cristo seremos quando, no setor

de atividades a que nos vinculemos, cumpramos nossos deveres com retidão, fiéis à própria consciência, procurando sempre fazer o melhor.

Que, diante de qualquer pessoa que procure nossa atenção, vejamos não simplesmente o cliente, o amigo, o necessitado, o subalterno, o superior, o familiar, o colega, mas, fundamentalmente, o irmão em humanidade, que podemos beneficiar com nossas iniciativas, a partir de uma pergunta que devemos fazer a nós mesmos:

O que posso fazer em seu benefício?

* * *

Um dia, quando nossos olhos se cerrarem na Terra e despertarmos no além, estejamos certos de que nossa posição não será definida a partir do dinheiro que amoedamos, dos cargos que exercemos, dos poderes que mobilizamos, das influências que exercitamos.

Uma única pergunta nos fará a própria consciência; a definir nosso "status" espiritual:

- Qual a extensão dos benefícios que prestamos ao semelhante, exercitando a missão de servir?

OS LIVROS DO AUTOR

PARA VIVER A GRANDE MENSAGEM 1969

Crônicas e histórias. Ênfase para o tema Mediunidade

Editora: FEB

TEMAS DE HOJE, PROBLEMAS DE SEMPRE 1973

Assuntos de atualidade

Editora: Correio Fraternal do ABC

A VOZ DO MONTE 1980

Comentários sobre "O Sermão da Montanha"

Editora: FEB

ATRAVESSANDO A RUA 1985

Histórias

Editora: IDE

EM BUSCA DO HOMEM NOVO 1986

Parceria com Sérgio Lourenço e

Therezinha Oliveira

Comentários evangélicos e temas de atualidade

Editora: EME

ENDEREÇO CERTO 1987

Histórias

Editora: IDE

- QUEM TEM MEDO DA MORTE?** 1987
Noções sobre a desencarnação e temas correlatos
Editora: Gráfica São João
- A CONSTITUIÇÃO DIVINA** 1988
Comentários em torno de "As Leis Morais", 3ª parte de "O Livro dos Espíritos"
Editora: Gráfica São João
- UMA RAZÃO PARA VIVER** 1989"
Iniciação espírita
Editora: Gráfica São João
- UM JEITO DE SER FELIZ** 1990
Comentários em torno de "Esperanças e Consolações", 4ª parte de "O Livro dos Espíritos"
Editora: Gráfica São João
- ENCONTROS E DESENCONTROS** 1991
Histórias
Editora: Gráfica São João
- QUEM TEM MEDO DOS ESPÍRITOS?** 1992
Comentários em torno de "Do Mundo Espírita e dos Espíritos", 2ª parte de "O Livro dos Espíritos"
Editora: Gráfica São João

A FORÇA DAS IDÉIAS 1993

Pinga Fogo literário sobre temas de atualidade

Editora: O Clarim

QUEM TEM MEDO DA OBSESSÃO? 1993

Estudo sobre os processos de

influência espiritual

Editora: Gráfica São João

VIVER EM PLENITUDE 1994

Comentários em torno de "Do Mundo

Espírita e dos Espíritos", 2ª parte de

"O Livro dos Espíritos". Sequência de

"Quem Tem Medo dos Espíritos"

Editora: Gráfica São João

VENCENDO A MORTE E A OBSESSÃO 1994

Composto a partir dos textos de

"Quem Tem Medo da Morte?" e

"Quem Tem Medo da Obsessão?"

Editora: Pensamento

TEMPO DE DESPERTAR 1995

Dissertações e histórias sobre temas de atualidade

Editora: FEESP

NÃO PISE NA BOLA 1995

Bate-papo com jovens

Editora: O Clarim



- *Corpo espiritual*
- *Problemas de desligamento*
- *Aborto*
- *Suicídio*
- *Eutanásia*
- *Cremação*
- *Desastres fatais*
- *Cemitério*
- *Velório*
- *Premonição*
- *Falecimento de crianças*
- *Balanco existencial*

Estes e muitos outros temas são abordados neste livro, onde o autor descreve as circunstâncias que envolvem o retorno à Vida Espiritual, oferecendo valiosa contribuição para que sejam superados milenares temores e angústias que afligem o homem quando cogita da morte.

- *Origem dos espíritos*
- *Forma espiritual*
- *População do além*
- *Involução*
- *O dogma da reencarnação*
- *Retorno à pátria espiritual*
- *Os sofrimentos dos espíritos*
- *Hereditariedade moral*
- *Discos voadores*
- *As paixões*
- *Almas gêmeas*
- *Casamento*
- *Assombrações*
- *Homossexualismo*
- *Pena de morte*



Estes e muitos outros temas de atualidade são abordados pelo autor de "O Livro dos Espíritos". Como ocorre em seus demais livros, Simonetti opta por uma linguagem simples, direta e despojada, ilustrando seus raciocínios com episódios pitorescos e citações oportunas, sustentando o prazer da leitura, que vale como iniciação para os neófitos e reflexão para os iniciados.

ENCONTROS E DESENCONTROS



RICHARD SIMONETTI

- *Um bancário atribulado...*
- *Uma esposa preocupada com o marido...*
- *Um fazendeiro que sofre prejuízos...*
- *Uma mulher que adota um filho...*
- *Um professor em dificuldades...*
- *Uma gestante com problemas...*
- *Um obsessor à espreita de sua vítima...*
- *Uma serviçal enferma...*
- *Um expositor equivocado...*
- *Uma noiva vasculante...*
- *Um comerciante ameaçado...*
- *Uma filha que cuida de sua mãe...*
- *Um negócio não consumado...*
- *Um prisioneiro agressivo...*
- *Um marido de retorno ao lar que deixou...*

Impossível o leitor não se identificar com as histórias contadas neste livro, onde situações que fazem parte do cotidiano de milhões de pessoas assumem aspecto singular.

São relatos que dizem respeito ao cunho profundamente educativo de determinadas experiências, que estimulam a superação dos desencontros existenciais, a partir do encontro do homem com sua própria consciência.

- *Como alcançar a comunhão com Deus?*
- *O que identifica a nossa filiação divina?*
 - *É lícito o planejamento familiar?*
- *O que significam os flagelos naturais?*
 - *Por que há indivíduos cruéis?*
 - *A família está em extinção?*
 - *Por que morrem as civilizações?*
 - *Miséria: destino ou omissão?*
- *É possível conciliar determinação e livre-arbítrio?*
- *Qual a principal finalidade da vida?*
 - *Como exercer justiça com amor?*
 - *Males da Terra: imposição divina ou obra do homem?*



Estes e outros assuntos de atualidade são desenvolvidos pelo autor, ressaltando a existência de Leis Divinas que regem a evolução do Homem, disciplinando seus impulsos no caminho da perfeição.

Richard Simonetti



QUEM TEM MEDO DA OBSESSÃO ?

Um desafio para o leitor:

Ler este livro sem enquadrar-se numa das múltiplas formas de envolvimento espiritual aqui apresentadas sob a denominação genérica de obsessão.

A obsessão está tão presente na sociedade humana quanto as enfermidades viróticas. Raros atravessam a existência imunes a ela.

Associa-se a múltiplos males:

- *Tensões e ansiedades*
- *Angústias e depressões*
- *Perturbações e desequilíbrios*
- *Neuroses e psicoses*
- *Desentendimentos e desuniões*
- *Agressividade e violência*
- *Vícios e compulsões*

Após comentar a maneira de operar dos obsessores, segundo a clássica divisão estabelecida por Allan Kardec - obsessão simples, fascinação e subjugação - o autor nos oferece as medidas de profilaxia para nos livrarmos dessa influência perniciosa que as religiões definem como demoníacas.

• *Existem males "encomendados" ?*

• *Por que raras pessoas recordam suas vidas anteriores?*

• *A que atribuir nossas variações de humor?*

• *Como manter a harmonia no lar?*

• *O que é passe magnético?*

• *É possível neutralizar as influências espirituais negativas?*

• *Quais os caminhos para uma iniciação espiritual?*

• *Como definir o Centro Espírita?*

• *O que são doenças cármicas?*

• *Como vencer o vício?*

Richard Simonetti

Uma Razão Para Viver



Em linguagem clara e objetiva o autor aborda importantes temas de atualidade, com exemplos e historietas que favorecem o entendimento do leitor, e sugestões oportunas para uma existência produtiva e feliz.

UM JEITO DE SER FELIZ



RICHARD SIMONETTI

- *Quais os principais obstáculos à felicidade humana?*
- *Morte é sinônimo de infelicidade?*
- *Como edificar uma sociedade feliz?*
- *Felicidade é uma opção ou destino?*
- *Existe o casamento feliz?*
- *Infelicidade é castigo de Deus?*
- *Há eleitos para a felicidade?*
- *Ingratidão gera infelicidade?*
- *É possível ser feliz no purgatório?*
- *Onde encontrar a felicidade?*

Reportando-se a questões formuladas por Allan Kardec, na quarta parte de "O Livro dos Espíritos", que trata das penas e gozos da Terra e do Além, o autor define os caminhos da infelicidade e da felicidade humanas, demonstrando, em linguagem objetiva e envolvente, o melhor jeito de ser feliz.

OUTROS LIVROS DO AUTOR

Para Viver a Grande Mensagem

1969 - Ed. FEB

Temas de Hoje, Problemas de Sempre

1973 - Ed. Correio Fraternal

A Voz do Monte

1980 - Ed. FEB

Atravessando a Rua

1985 - Ed. IDE

Em Busca do Homem Novo

Em parceria com Sérgio Lourenço e Therezinha de Oliveira

1986 - Ed. ABC do Amor

Endereço Certo

1987 - Ed. IDE